

2007

Avaliação rápida da coleta seletiva porta a porta do Programa Vida Limpa em Diadema

Financiado pelo Projeto Brasil-Canadá de coleta seletiva (CIDA-AUCC-UVic)

Coordenadora: Jutta Gutberlet (University of Victoria, Canadá)

Pesquisadora principal: Naila de Freitas Takahashi

Participação de: Catadores dos grupos, Agentes de Saúde e
estudantes do Programa Adolescente Aprendiz

Apoio: Equipe do Programa Vida Limpa – Secretaria do Meio
Ambiente – Prefeitura de Diadema

I&T – Informações e Técnicas em Construção Civil

Introdução

Esta pesquisa se propõe avaliar o desempenho da Coleta Seletiva porta a porta em Diadema em conjunto com os catadores dos grupos. O Programa Vida Limpa teve início em 2001, mas a coleta seletiva foi organizada a partir de 2002, a coleta porta a porta organizada dentro do programa começou em 2004, e desde então nenhuma avaliação específica foi feita. Então, com o aparente sucesso da Coleta Seletiva em Diadema surge a necessidade e oportunidade de realizar uma avaliação participativa dos resultados desta coleta seletiva Porta a Porta.

Uma avaliação é importante para auxiliar na análise dos problemas e méritos de um programa municipal que ainda está em implantação. Por ter sido feita em conjunto com os catadores e catadoras é ainda mais valiosa pois torna-se uma forma de fortalecer estes agentes ao proporcionar um aprendizado sobre seu trabalho.

O Programa Vida Limpa com a atuação da coleta seletiva porta a porta, instalado em alguns bairros de Diadema, apresenta grande potencial para a diminuição do desperdício e para ações de educação ambiental. Para a sua ampliação e seu aperfeiçoamento se faz necessário avaliar a efetividade, eficácia e a qualidade do Programa. A avaliação poderá identificar possíveis problemas e soluções, com vistas a melhorar o serviço, tanto para os trabalhadores como para a população. Esta pesquisa faz parte de um processo de construção de referências para as políticas públicas de resíduos com a inclusão dos catadores/as como agentes formais da limpeza urbana. De maneira mais geral esta pode ser uma primeira avaliação desta nova estratégia de organização de um serviço público essencial, com a participação de catadores no lugar de empresas contratadas; e portanto é fundamental termos essas informações para possíveis futuras expansões desta proposta de política de manejo de resíduos sólidos da cidade.

A metodologia utilizada nesta pesquisa contou com a participação dos catadores e catadoras com a finalidade de ao mesmo tempo proporcionar aprendizado e conhecimento aos principais envolvidos na coleta. Integrantes dos grupos do Programa Vida Limpa participaram como pesquisadores neste estudo e envolvidos desde a formatação e implementação do projeto até a análise, interpretação e disseminação dos resultados.

Metodologia

A metodologia com este processo de pesquisa ativa e de ação buscou-se promover uma aprendizagem vivenciada e, portanto mais transformadora entre os participantes. “Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos

da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”¹.

Neste tipo de pesquisa *participação* é a palavra-chave. Segundo Brandão² a participação das pessoas envolvidas na situação determina um compromisso que subordina o projeto científico de pesquisa ao projeto político dos grupos populares cuja situação de classe, cultura ou história se quer conhecer porque se quer agir. Mas deve se ter em vista que a participação não é o objetivo da pesquisa-ação. Como nos lembra Thiollent (1986) é sim necessário produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para a discussão e fazer avançar o debate acerca das questões abordadas.

A seguir apresentamos os passos seguintes da pesquisa, que foram, delineando com mais clareza seus objetivos, escolhendo seus instrumentos, e assim dando forma e volume às idéias.

Visita aos postos Nova conquista e Vila Popular

Para a primeira aproximação com os catadores, a fim de confirmar a pertinência da proposta de pesquisa e as possibilidades de levá-la em frente, realizamos no dia 9 de fevereiro 2007 visitas aos dois postos de coleta que pretendíamos envolver na pesquisa de avaliação do serviço de coleta porta a porta – Nova Conquista e Vila Popular. Passamos algumas horas triando materiais com as três catadoras do Nova Conquista, e assim fomos descobrindo as dificuldades relacionadas ao trabalho através do diálogo e da própria experiência. No grupo Vila Popular fizemos apenas uma visita, e conversamos com a coordenadora do grupo, Mônica. Já havíamos antes acompanhado a coleta porta a porta e a triagem no posto do grupo.

As visitas foram importantes para obter informações atualizadas sobre o trabalho dos grupos de forma geral: dificuldades, facilidades, ou seja, as condições atuais dos trabalhos dos grupos e como eles lidam com elas através do trabalho.

Primeira reunião da pesquisa

O próximo passo da organização do processo de pesquisa participante foi uma reunião com os principais interessados na pesquisa catadores e poder público. A reunião foi realizada no dia 13 de março 2007 no posto do Nova Conquista e estavam presentes: Marcos e Érika (catadores do Nova Conquista); Mônica (catadora e coordenadora do Vila Popular); Carlos Henrique (coordenador do Programa Vida Limpa); Edvaldo (então o coordenador de campo do Programa Vida Limpa); Luzia (assistente social do Programa Vida Limpa); Jutta (pesquisadora); Naila (pesquisadora assistente).

¹ THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. p.14 (2ª. Ed).

² BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981 (p.12)

Nesta reunião discutimos quais seriam as outras instituições a serem envolvidas, como o Adolescente Aprendiz e as agentes de saúde. Outro ponto importante foi a discussão do questionário que seria aplicado à população, algumas idéias já haviam sido levantadas durante as visitas, e também formulamos previamente algumas questões que foram ou não aprovadas pelo grupo.

Tarefas também foram compartilhadas. Na parte final da reunião discutimos em qual lugar seria melhor realizar a pesquisa, quais locais seriam representativos. Para decidirmos os catadores fizeram uma breve descrição da coleta em cada local.

Questionário Piloto

Aplicamos um piloto da entrevista no dia 4 de abril 2007 durante a coleta porta a porta no núcleo Vila Popular, participaram deste teste os catadores Marcos, Lina e Vânia. Fizemos no total 15 entrevistas em residências, oito com moradores que já participavam da coleta, e sete com moradores que ainda não doavam. Depois deste dia o questionário ficou sob nova perspectiva, não somente as questões foram reescritas mas a própria estratégia da avaliação teve que mudar.

Acompanhar o porta a porta e observar o trabalho dos catadores não serviu somente para planejar o questionário, mas também para conhecer melhor a situação do porta a porta, a rotina de trabalho e suas dificuldades. Ou seja, os acompanhamentos também devem ser considerados instrumentos de avaliação deste serviço em conjunto com as diversas falas de todos envolvidos, população, catadores, poder público.

Encontro com agentes de Saúde e Adolescente Aprendiz

O próximo passo foi realizar uma reunião no dia 20 de abril 2007 com a equipe do Programa Vida Limpa, catadores, agentes de saúde e adolescentes. Nosso objetivo era apresentar a pesquisa, os catadores apresentariam seu trabalho aos pesquisadores convidados, e faríamos a leitura do questionário, e algumas simulações de entrevistas para diminuir as dúvidas que poderiam surgir no momento da pesquisa. Foi introduzido o Programa Vida Limpa pela catadora Mônica.

Apresentamos o questionário, um dos adolescentes leu em voz alta. Tiramos dúvidas e fizemos um simulado. Um ensaio. Todos puderam ver o como seria bom que a entrevista fosse feita, e fizeram boas críticas. As agentes de saúde abrirão as portas para nós, pois já conhecem os moradores e são muito respeitadas. Os adolescentes estavam um pouco deslocados no início, mas aos poucos ficaram mais à vontade. Este encontro propiciou, além da capacitação dos entrevistadores, o aprimoramento do questionário.





Fotos 1 e 2: Capacitação de Adolescentes e Agentes de Saúde para a pesquisa.
Fotografia: Naila Takahashi

Os passos seguintes foram: acompanhamento do porta a porta, aplicação do questionário nas residências, tabulação e análise dos resultados, e entrevistas com representantes do poder público e consultoria.

O Programa Vida Limpa

Desde 2002 a prefeitura de Diadema trabalha juntamente com catadores/as e outras assessorias na implantação do Programa de Gestão de Resíduos Sólidos – Vida Limpa, uma proposta de organização e estabelecimento de uma rede descentralizada e permanente de Postos de Entrega a fim de possibilitar à população o descarte de forma seletiva de entulhos e materiais recicláveis, e organizar o trabalho dos catadores. Além dos postos de entrega o programa conta com alguns postos centrais que possibilitam a prensagem e estocagem do material para a comercialização em maior escala. Esta organização pressupõe o transporte diário do material coletado nos postos de entrega para as centrais.

A proposta de gestão de resíduos da cidade contribui para a organização da participação dos catadores como agentes formais da limpeza urbana. Para o funcionamento do programa a cidade foi dividida em micro bacias, e em cada uma delas o trabalho de coleta foi assumido por um grupo de catadores. Com isto a coleta de recicláveis não é mais realizada pelas empresas contratadas para a coleta do lixo na cidade em dias alternados de lixo molhado e de recicláveis. Atualmente em Diadema a coleta dos recicláveis é realizada apenas pelos catadores, que estão sendo remunerados por esta atividade na mesma base que a prefeitura remunera a empresa coletora de resíduos normais na cidade.

Atualmente o programa conta com seis postos implantados e um em construção, no mês de Junho foi inaugurado o posto do Centro. Os postos são espaços onde as pessoas podem entregar materiais recicláveis e entulhos, e onde a triagem é realizada pelos catadores. Três destes postos tem estrutura de central – Nova Conquista, Cooperlimpa e Chico Mendes –, e possuem prensa, um equipamento que seria subutilizado se estivesse em cada posto.

A coleta seletiva porta a porta em Diadema

Em 2002 já existiam catadores que realizavam coleta seletiva porta a porta, como o grupo Cooperlimpa que já trabalhava com este tipo de coleta. Entretanto a organização e registro do serviço deram-se aos poucos, e somente a partir de 2004, com os grupos Nova Conquista e Vila Popular constituídos a organização desta atividade se consolidou.

Divulgações foram realizadas para que os catadores pudessem contar a colaboração da população na separação dos materiais recicláveis e em sua disposição no dia e horários corretos. Houve divulgação inicial da implantação da coleta porta a porta com suporte da prefeitura para informar a população dos horários, com panfletos e carro de som.

Alguns resultados podem ser observados pelos dados registrados pela prefeitura. A diminuição do rejeito é uma das principais vantagens. Hoje, segundo o Controle de Produção dos Grupos (Tabela 1), a taxa de rejeito é menor do que 5% em quatro dos postos. Embora a precisão destes dados deva ser olhada com cautela, os catadores podem nos afirmar que realmente o índice de rejeito é baixo, principalmente quando se trata de material de porta a porta.

Tabela 1- Taxa de Rejeito	
Taxa de Rejeito	%
Centro	4,94
Chico Mendes	51,19
Cooperlimpa	11,73
Nova Conquista	1,12
Taboão	0,26
Vila Popular	1,57
Totais	9,60

Fonte: I&T, 2007.

Outro fator importante a nosso ver, e que tentamos abranger, embora de difícil avaliação, é a educação ambiental que reside no compromisso dos moradores com os catadores que passam regularmente para fazer a coleta. Tentamos apreender um pouco da visão da população sobre este serviço, para saber dos efeitos desta atividade sobre a informação dos moradores no que concerne ao assunto.

Atualmente o material coletado no porta a porta representa cerca de 42% de todo material coletado pelos grupos do Vida Limpa (Gráfico 1), é maior do que a quantidade coletada em empresas. E isso é um dos resultados da evolução do programa, pois no início a maior parte do material provinha de empresas.

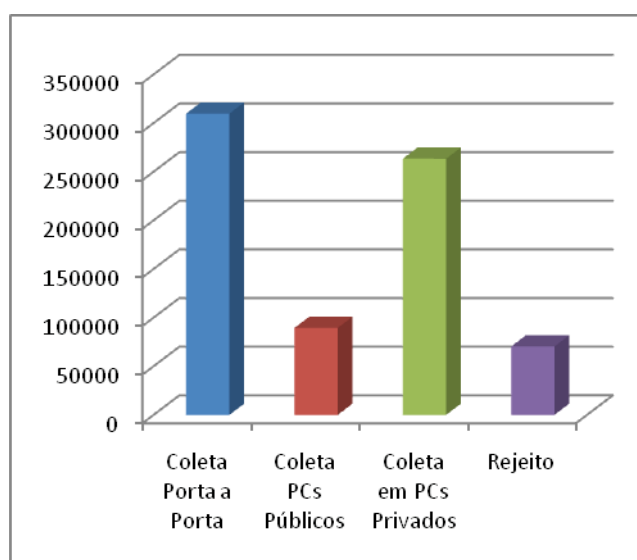


Gráfico 1 - Histórico de Produtividade - Programa Vida Limpa - Jan a Jul 2007

Embora a fatia da coleta seletiva porta a porta seja grande, não são todos os postos que dedicam muito tempo de trabalho a este tipo de coleta, o que pode ser observado no Gráfico 2 abaixo.

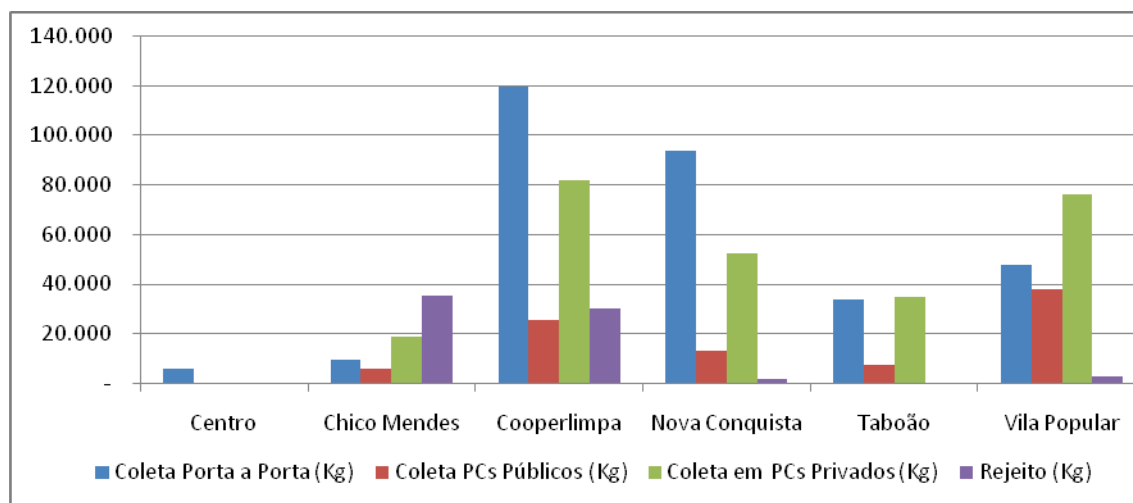


Gráfico 2 - Histórico de Produtividade - Programa Vida Limpa por grupos Jan a Jul 2007

Analisando o gráfico nos surpreendemos com o volume coletado pelo grupo Cooperlimpa, um dos maiores grupos com 18 membros. Não cogitamos fazer a pesquisa com esse grupo pois ele faz a coleta com caminhão próprio, o que encarece a coleta. Então tendo isto em vista, os dois grupos com as maiores quantidades de material oriundo da coleta porta a porta são Nova Conquista e Vila Popular. Seleccionamos assim os grupos para fazerem parte da pesquisa a partir do trabalho: *Nova Conquista* e *Vila Popular* onde este serviço já está implantado há mais de dois anos.

Acompanhamento do porta a porta

Ao todo acompanhei três dias a coleta do Vila Popular, cada vez em um local diferente, e acompanhei um dia a coleta do grupo Nova Conquista, em dois locais distintos. Os objetivos da observação da coleta foram estimar a quantidade de residências que doam materiais, marcar os endereços, anotar o trajeto, e conhecer a coleta de modo geral. Cada local tem sua especificidade, o tamanho das casas de acordo com a renda média do bairro, o relevo, com ou sem avenidas, presença de casas muito pequenas, etc.

Coleta seletiva porta a porta no Vila Lúcia

A primeira coleta porta a porta que acompanhei foi no dia 14 de abril, um sábado. Dos três locais que acompanhei, este tem o menor número de moradores que colaboram, o total de apenas 39 residências. Anda-se muito para chegar a cada casa, se dividirmos a distância percorrida pelo número de casas podemos dizer que os catadores andam, em média, 70 metros para chegar em cada casa, ou seja, os

catadores andam muito e coletam pouco material. Os lotes em laranja marcam cerca de 453 casas que estão no trajeto da coleta, e somente as casas em verde doam. Este fato demonstra o potencial de expansão do porta a porta sem precisar ir mais longe.

Uma das vantagens deste local é o relevo pouco acidentado. Apesar de ter algumas subidas e descidas, as casas são maiores que as dos núcleos, têm garagem ou área para deixar o material reciclado, e são perto do posto. Ainda tem muita margem para fazer a coleta mais eficiente. Neste dia foi coletado 124kg de material, isto dá uma média aproximada de 3kg por residência.

Coleta seletiva porta a porta no núcleo Santo Ivo



No dia 17 de abril eu acompanhei os catadores do Vila Popular na coleta no núcleo Santo Ivo. Neste dia a coleta não foi muito boa, segundo os catadores a coleta no núcleo já teve tempos melhores, coletava-se o dobro da quantidade atual de apenas 119 kg. Embora a quantidade tenha sido pequena o número de casas é bem maior, 69, o que representa cerca de 23% das casas que ficam no trajeto das ruas em que a coleta passa. A média de peso por residência é de apenas 1,7kg, quase a metade do que tivemos na coleta na Vila Lúdia. Supomos que esta diferença

esteja relacionada com a renda da família, e também com o tamanho da casa que não permite o armazenamento de muito material, outra hipótese é a de que os moradores não conheçam todos os materiais recicláveis, separando somente alguns, como pet e papel.

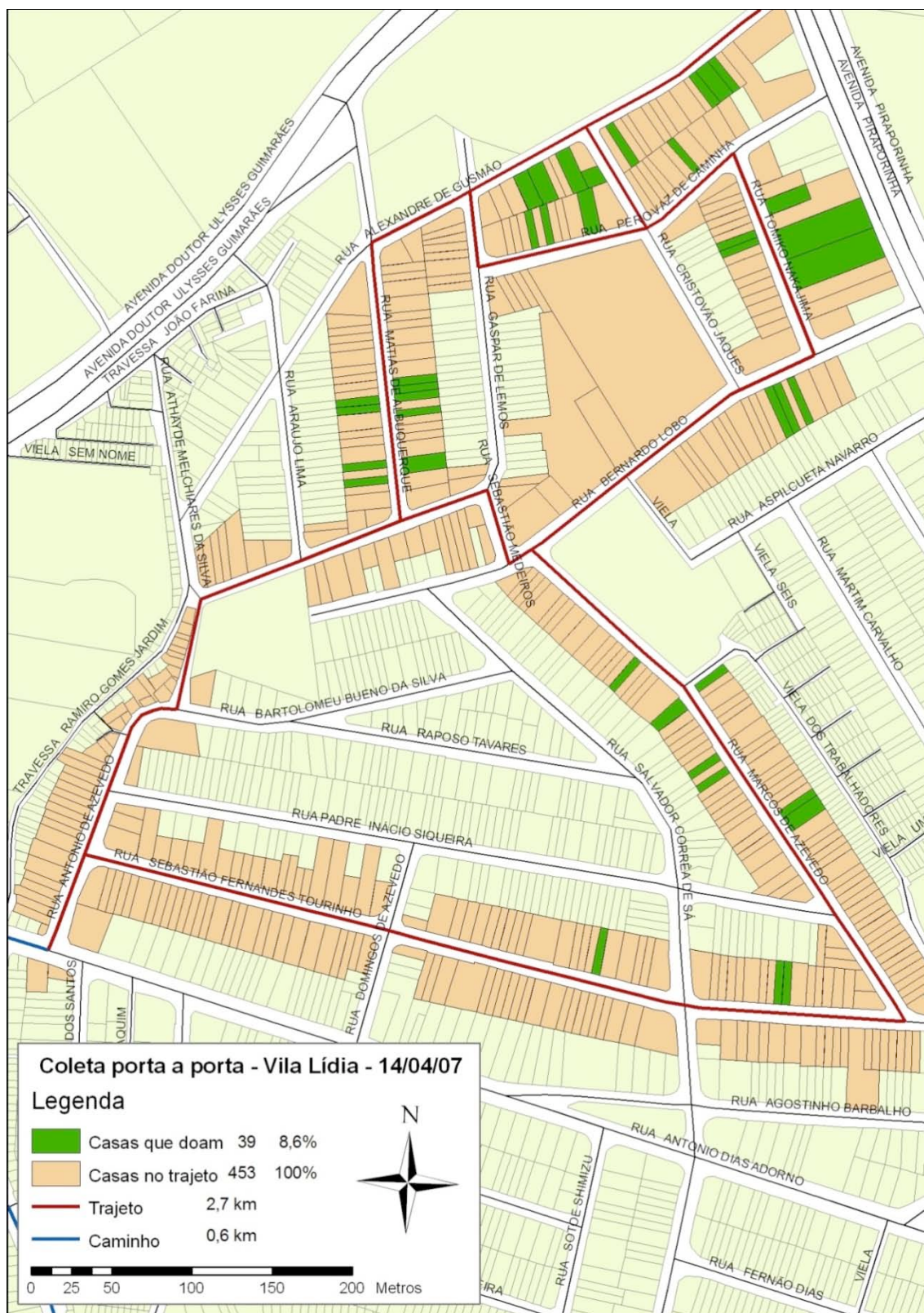
A distância média percorrida por casa é de apenas 20m, menos da metade do que anda na coleta no Vila Lúdia, o que está relacionado não apenas com a quantidade de moradores que participam da coleta mas principalmente com o tamanho das residências.



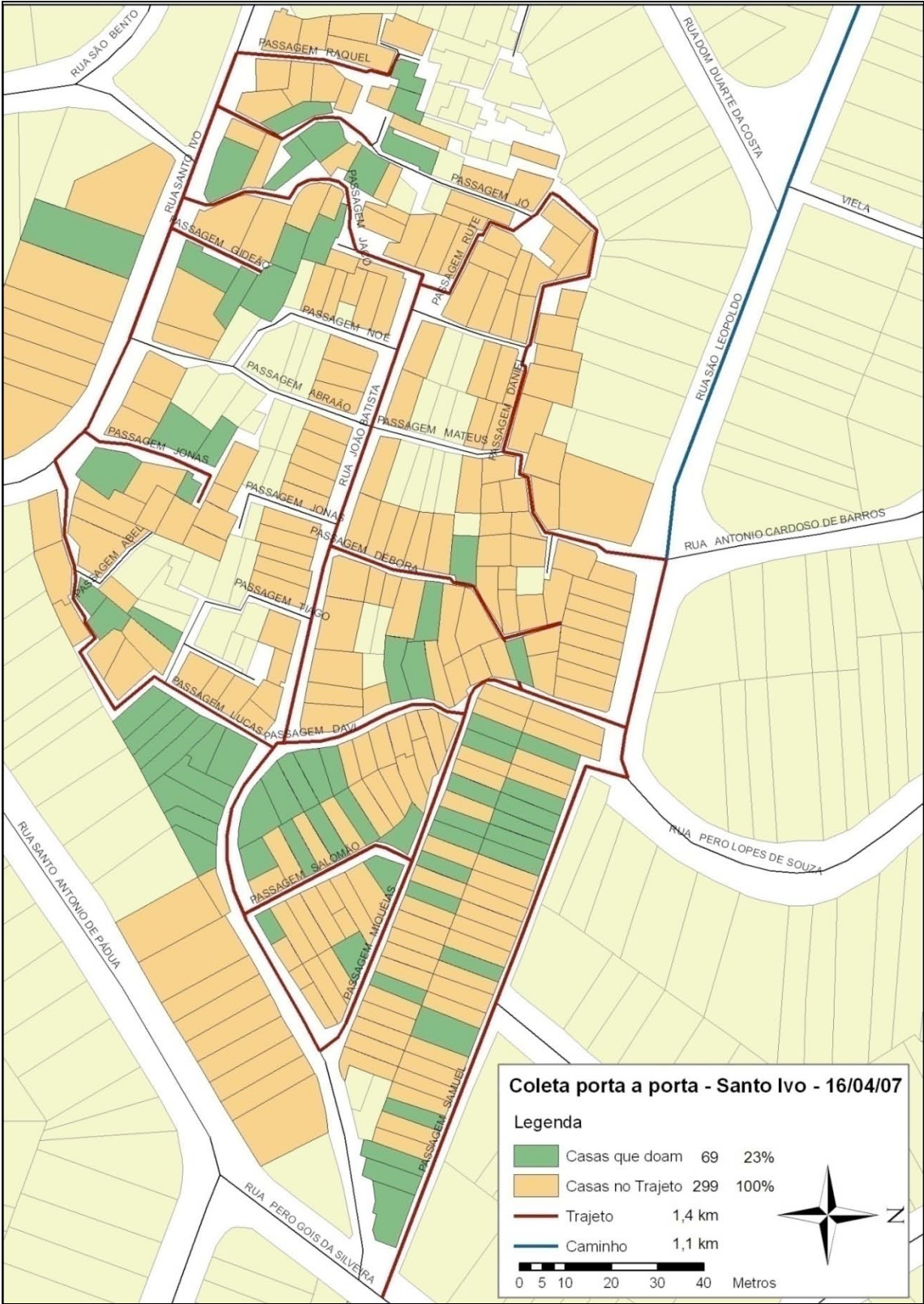
Fotos: Esquerda: Bag cheio colocado em ponto de apoio na calçada.

Direita: Escadas do núcleo Santo Ivo. Fotografia: Naila Takahashi, Maio 2007

Mapa 1 – Coleta Porta a Porta - Vila Lúdia



Mapa 2 - Coleta Porta a Porta - Santo Ivo



Coleta seletiva porta a porta no núcleo Vila Popular

O último acompanhamento foi no dia 24 de maio, quarta-feira, no próprio núcleo do Vila Popular. Muitas das observações são as mesmas feitas no núcleo Santo Ivo, os locais são semelhantes em termos de renda e tamanho das residências. Também neste núcleo alguns moradores têm falta de espaço para guardar material, e alguns também doam quantidade de material abaixo da estimativa de recicláveis gerados em uma semana – segundo relatório da I&T³ uma família de 4 pessoas gera, neste bairro, pouco mais de 4kg de recicláveis por semana.

A coleta ocorre há mais tempo no lado oeste do posto, nas vielas perpendiculares à rua João Batista, neste lado a porcentagem de casas que doam chega 13%, são 53 residências que participam do programa de um total de 388 casas. Na parte leste a coleta é mais recente, e de um total de 455 casas no trajeto somente 38, isto é, 8%, doam materiais. No total são 843 residências, sendo que 11% deste total participam do projeto. Em média os catadores andam 30m para cada casa que doa material.

Neste dia o grupo coletou 289 kg, o que dá uma média de 3 kg por residência, entretanto devemos considerar uma média mais baixa pois existem duas residências que trabalham com reciclagem e doam aparas de papelão, neste dia dois bags eram somente deste tipo de material.

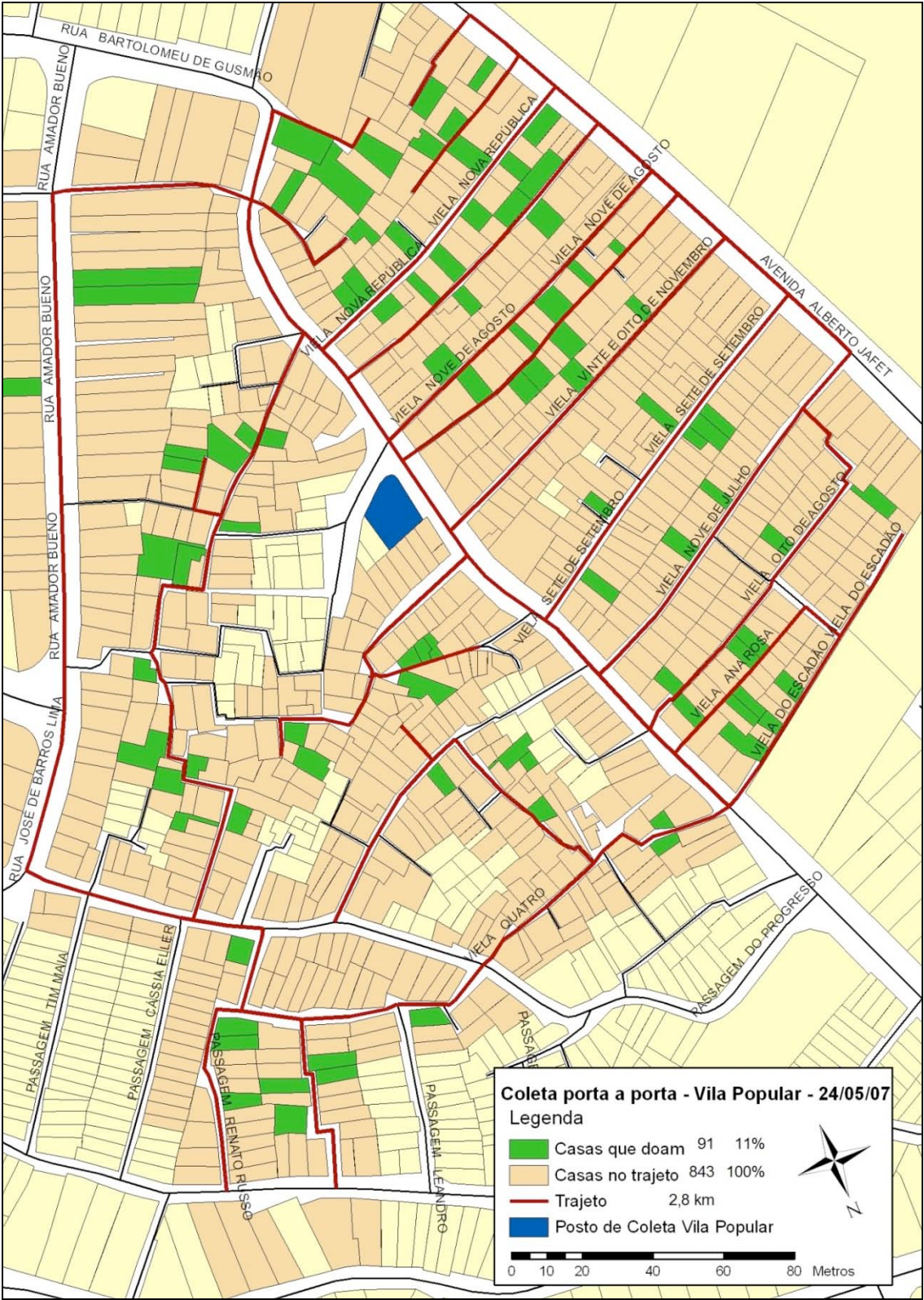
Observações gerais sobre a coleta seletiva porta a porta

Coleta seletiva porta a porta do grupo Vila Popular

De modo geral podemos dizer que a maioria das casas que já participa, doa pouco material, em relação à estimativa de recicláveis gerada em uma semana. A quantidade de material coletado por domicílio poderia ser maior, algumas casas doam apenas garrafas PET em um intervalo de uma semana. As razões para tanto podem ser: falta de informação, os moradores não sabem quais são todos os materiais recicláveis; e/ou falta de espaço, os moradores não guardam os recicláveis da semana toda. Um incentivo à participação é a doação de sacos grandes principalmente para os moradores dos núcleos colocarem os recicláveis, e os catadores apenas transferem o material do saco para o carrinho ou bag.

³ I&T. *Gestão diferenciada, integrada e sustentável de resíduos sólidos em Diadema: diagnóstico*. São Paulo, 2001.

Mapa 3 - Coleta Porta a Porta Vila Popular



O uniforme verde do programa Vida Limpa é uma importante forma de identificação dos catadores e representa a formalização deste trabalho. No entanto os uniformes estão rasgados e velhos, o que não é bom para a imagem do programa nem para os catadores, que se sentem mais valorizados quando vestidos adequadamente, desassocia-se assim a sujeira da imagem do catador. O uso da luva é praticamente generalizado no momento da coleta, e além de ser essencial à higiene e proteção do catador também garante apresentação adequada à população. Calçados adequados também são necessários, embora ainda não façam parte do uniforme. O uso de botas é recomendável para os dias frios e úmidos e também porque água escorre pelas vielas.

Algumas habilidades são necessárias ou facilitam a realização da coleta. A dupla ou o grupo de catadores deve se combinar, se complementar, a fim de obter o maior número possível de qualidades desejadas, por exemplo, força e paciência.

Nos trajetos mais difíceis da coleta como as ladeiras ou escadarias é necessário ter força para empurrar o carrinho nas ladeiras e igualmente para levar bags cheios nas escadarias. Mesmo em lugares planos para arrastar um bag cheio é preciso da força de duas catadoras. Nas vielas freqüentemente corre água, por falta de encanamento, e não raro nos deparamos com fezes de cachorro, o que obriga os catadores a levantarem os bags.

Outra característica essencial é paciência, já que muitos dos moradores vão pegar os recicláveis assim que ouvem o grito “coleta seletiva”. Nas casas que contribuem com freqüência a espera às vezes é maior, afinal o catador está certo de que receberá material.

Fôlego e boa voz são características que importantes, pois é o meio utilizado para anunciar a coleta. Outro fator essencial é a memória, atualmente os endereços das casas que participam do Programa estão somente na cabeça dos catadores. Isto por vezes gera alguns problemas, por exemplo, quando um catador que geralmente faz a coleta em uma área é substituído por outro, que não sabe todas as casas, esquecendo-se de algumas e assim deixando o morador na mão. O compromisso com o morador é preservado através da assiduidade e respeito ao horário da coleta.

Outras características, embora não sejam imprescindíveis, são vantajosas à coleta, como capacidade do catador de se comunicar com a população, e ter iniciativa de explicar o programa e divulgar a coleta. Existem residências que param de colaborar, daí a necessidade de sempre renovar o compromisso do morador com a coleta.

Dependendo das condições do bairro é aconselhável que o porta a porta seja feito em duplas ou trios. O fato de não ser feito sozinho contribui para a melhor qualidade do serviço, os catadores se ajudam quando o peso é grande, fazem a coleta mais rapidamente, o esforço individual, obviamente, é maior, e como atualmente as casas que doam estão somente na memória, duas cabeças pensam melhor que uma.

Coleta seletiva porta a porta do grupo Nova Conquista

Acompanhamos as coletas no setor 1 e no setor 2. No setor 1, ruas que ficam logo ao lado do posto, o carrinho de seu Afonso encheu após passar em duas ruas. Logo em seguida fomos com Sr. Adão fazer a coleta no setor 2, ele também foi sozinho, com um carrinho. Para chegar às ruas é necessário transitar um pequeno pedaço da avenida Fagundes de Oliveira. Como é um pequeno trecho não houve problemas, entretanto já foi possível perceber que não é tranquilo levar o carrinho por este caminho, que infelizmente é o único.

O Nova Conquista faz a coleta porta a porta há três anos, aproximadamente, enquanto que o Vila Popular faz há dois anos. Lembrando também que a infraestrutura do posto Nova Conquista é bem melhor do que a do posto Vila Popular. Outra facilidade são as características do local onde a coleta é feita, no setor 1 (área adjacente ao posto) há poucas subidas e as ruas são retas e estreitas, fatores que facilitam a coleta.

Durante o acompanhamento da coleta no setor 1, percebemos algumas diferenças em relação à coleta do Vila Popular: os catadores do Nova Conquista não fazem o trajeto baseado nas casas que eles costumam coletar (o que é devido também à configuração do bairro), eles marcam mais as ruas embora conheçam as residências que mais contribuem. Isto ocorre também porque eles passam três vezes por semana no local, sem contar as viagens do pente fino que fazem nos dias de coleta convencional antes do caminhão passar. Passar várias vezes na semana é uma estratégia que deu certo para o grupo do Nova Conquista, deste modo o grupo marca presença mais forte no local, dando mais opções de horário para os moradores. Não apresentamos os mapas elaborados do acompanhamento da coleta porta a porta no setor 1 e setor 2, pois não os consideramos representativos, devido ao fato de que o grupo passa várias vezes na semana.

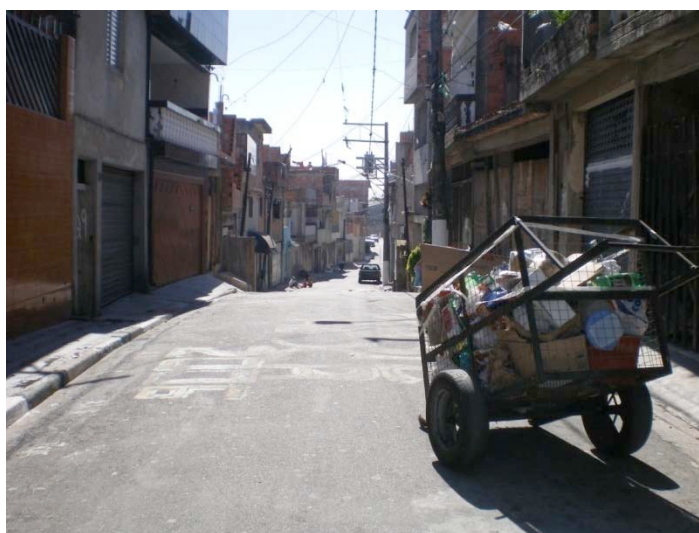


Foto: Rua do Setor 1. Fotografia: Naila Takahashi, Maio 2007

Entrevistas com moradores

Logo após o acompanhamento do porta a porta, com as casas que participam mapeadas repensamos a estratégia das entrevistas à população. Decidimos realizar 50% das entrevistas em casas que doam material para os catadores e 50% em casas que ainda não doam, escolhidas aleatoriamente. Todas entrevistas foram realizadas por duplas ou trios, com um catador do posto no mínimo.

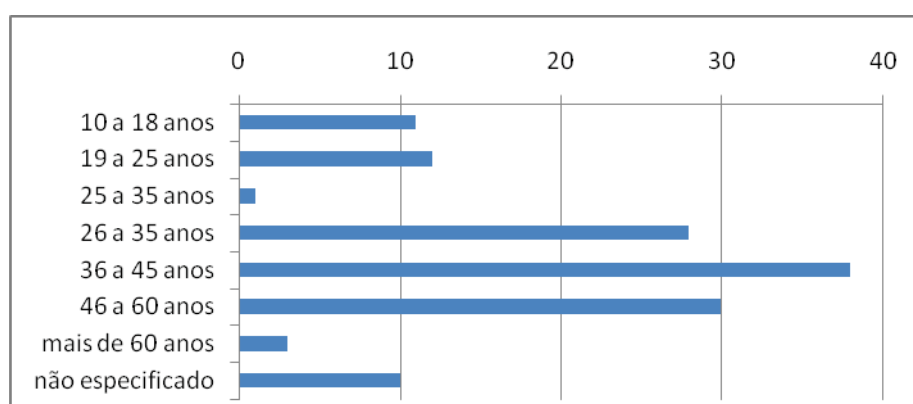
No dia 31 de maio 2007 fizemos as primeiras entrevistas na parte oeste do núcleo Vila Popular. Neste dia contamos com o trabalho de dez dos adolescentes do programa Adolescente Aprendiz e da professora Liene. A segunda leva de questionários foi feitas duas semanas depois na outra parte do núcleo Vila Popular e contou com o trabalho de duas agentes de saúde.

No dia 29 de junho 2007 fizemos as entrevistas no núcleo Santo Ivo. Desta vez só marcamos com as agentes de saúde, pois os adolescentes estavam de férias. Mais uma vez agradecemos a importante colaboração dos adolescentes e professores, e das agentes de saúde. Em seguida apresentamos a tabulação dos resultados da pesquisa.

Resultados totais das entrevistas com a população: núcleos Vila Popular e Santo Ivo

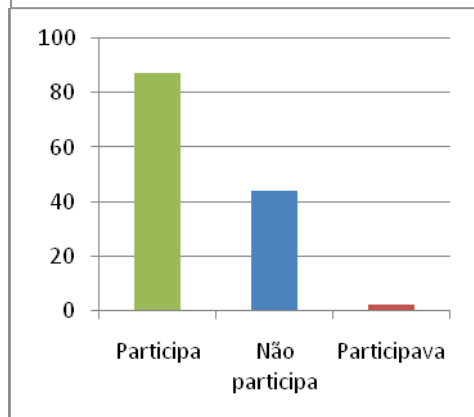
Entrevistamos um total de 133 pessoas, a distribuição por idade pode ser observada no Gráfico 3. A maioria das pessoas entrevistadas se encontra acima de 36 anos, talvez as pessoas de 25 a 35 estejam no trabalho e quem tem mais idade talvez tenha mais dificuldade para encontrar emprego.

Gráfico 3 – Distribuição etária da população entrevistada



Não conseguimos ser precisos e entrevistar em proporções iguais moradores que participavam e que não participavam, apesar da produção dos mapas da coleta porta a porta. Então, como mostra o Gráfico 4, 65% das entrevistas (87) foram

Gráfico 4 - Questão: "Você participa da coleta seletiva?"



realizadas em casas que participam do programa e 35% em casas que não participam (46).

Observa-se pelo Gráfico 5 que a maioria dos entrevistados, 80%, são mulheres, isto é, encontramos mais mulheres do que homens em casa no período da tarde. A pesquisa também revelou que quase 70% dos que participam doam toda a semana (Gráfico 6), mostrando que a coleta já faz parte da rotina destes moradores. Contudo mais de 25% ainda não doam toda semana, o

que representa o potencial de intensificação da coleta com os moradores já participantes.

Gráfico 5 – Distribuição dos entrevistados por gênero

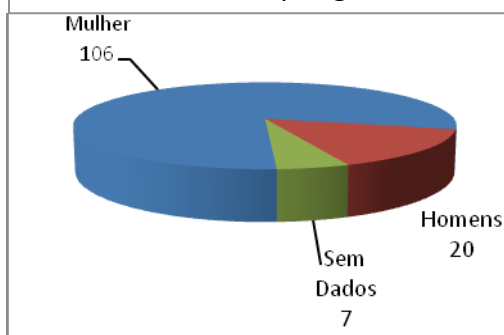


Gráfico 6 - Questão: "Com qual frequência participa?"

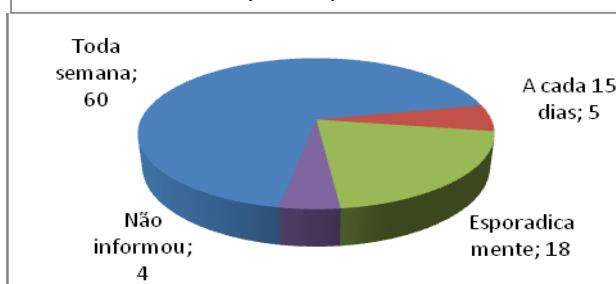
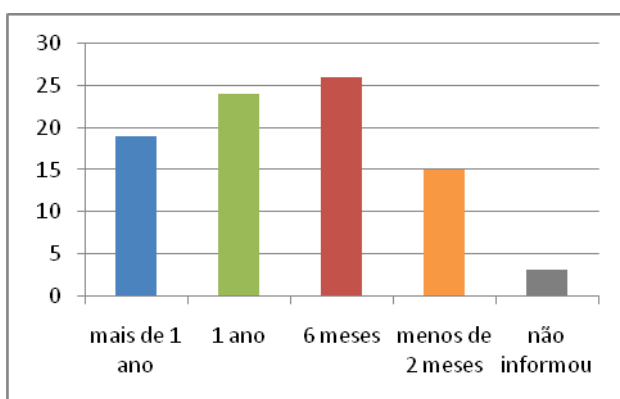


Gráfico 7 - Questão: "Há quanto tempo você participa da coleta seletiva?"

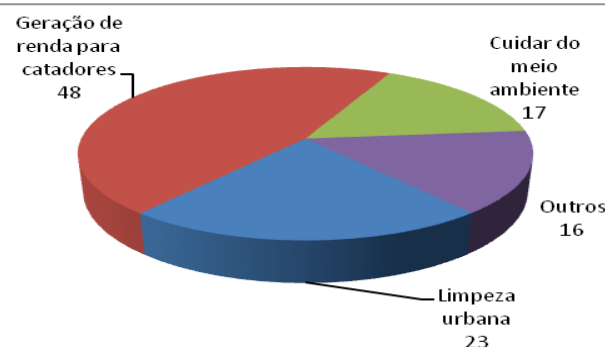


Quase 50% participam há um ano ou mais (Gráfico 7). O que significa que existe uma fidelidade dos moradores, visto que o serviço de coleta é relativamente recente. Os outros 50% participam há seis meses ou menos, demonstrando que a coleta vem se renovando, que lentamente os catadores estão conquistando mais gente para participar da coleta. Mas, por outro lado, existem casas que doavam e pararam de doar, o que é difícil de perceber pelas entrevistas mas ficou claro na observação da coleta

anterior à pesquisa. Os próprios catadores comentam que deixam de passar em alguns lugares pois alguns moradores param de doar. Apesar do número de desistentes não ser preocupante temos de dar certa atenção a este aspecto, as causas da insatisfação da população tem que ser conhecidas para que o programa possa se manter e crescer.

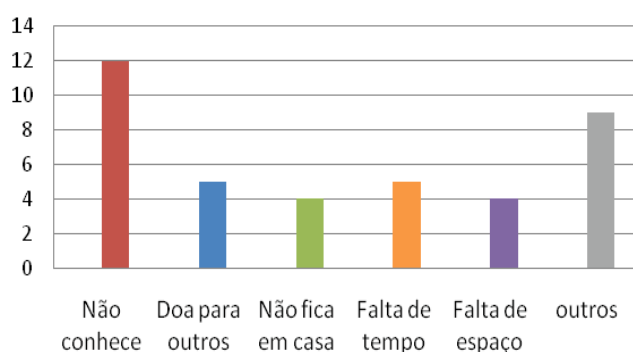
Do total de respostas, cerca de 46% citaram que uma das razões pelas quais colaboram com a coleta é a geração de renda para os catadores (Gráfico 8), devido ao problema do desemprego. Outras respostas que se repetiram foram a limpeza urbana e o cuidado com o meio ambiente. Segundo os moradores há uma mudança visível na limpeza das ruas depois que o serviço de coleta porta a porta começou.

Gráfico 8 - Questão: “Por que você participa da coleta seletiva?”



Dos que não separam material para a coleta (Gráfico 9), 30% não o faz porque não conhece o programa, cada um dos outros motivos representam cerca de 10%. Ressaltamos a quantidade de pessoas que já ajudam outros catadores. Devido a baixa renda dos moradores dos núcleos, não raro entre os vizinhos existem catadores, e podemos até mesmo dizer que existe até mesmo concorrência. Latinhas de alumínio dificilmente chegam ao posto de coleta, são desviadas antes, tanto por catadores avulsos como pelos próprios moradores.

Gráfico 9 - Questão: “Por que você não participa da coleta seletiva?”



Ficamos impressionados com a constatação de que a maioria das pessoas não sabe quais são todos os materiais recicláveis (Gráfico 10). Pode parecer que saber “todos” seja pedir demais, mas esta foi a forma de identificarmos aqueles que consideram recicláveis somente alguns materiais. Normalmente papelão, alumínio e Pet são

amplamente conhecidos como recicláveis pela população.

No Gráfico 11 constatamos que a reciclagem é rapidamente associada pelos entrevistados com a coleta seletiva, entretanto a maioria tem dificuldade de explicar como é este processo, a mesma dificuldade também aparece quando perguntamos “por que a coleta

Gráfico 10 - Questão: “Você sabe quais materiais são recicláveis?”

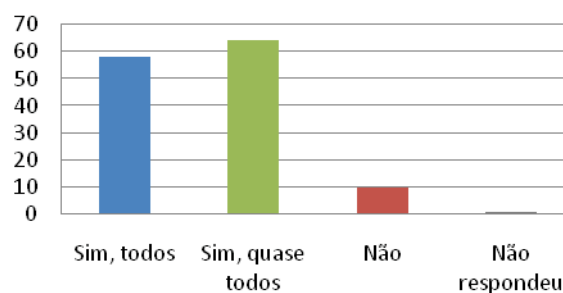
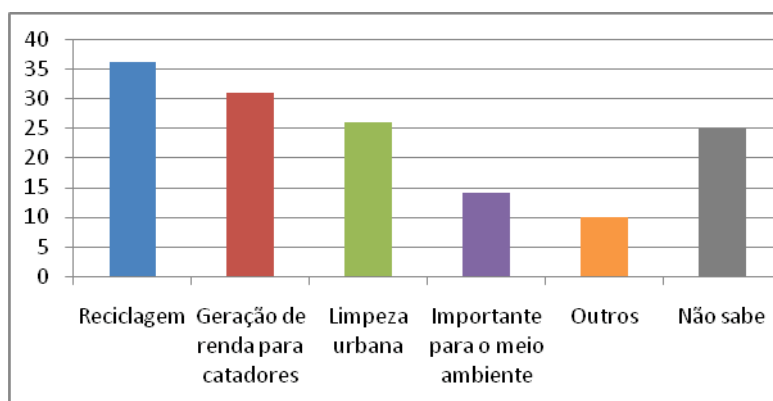


Gráfico 11 - Questão: “Para que serve a coleta seletiva?”



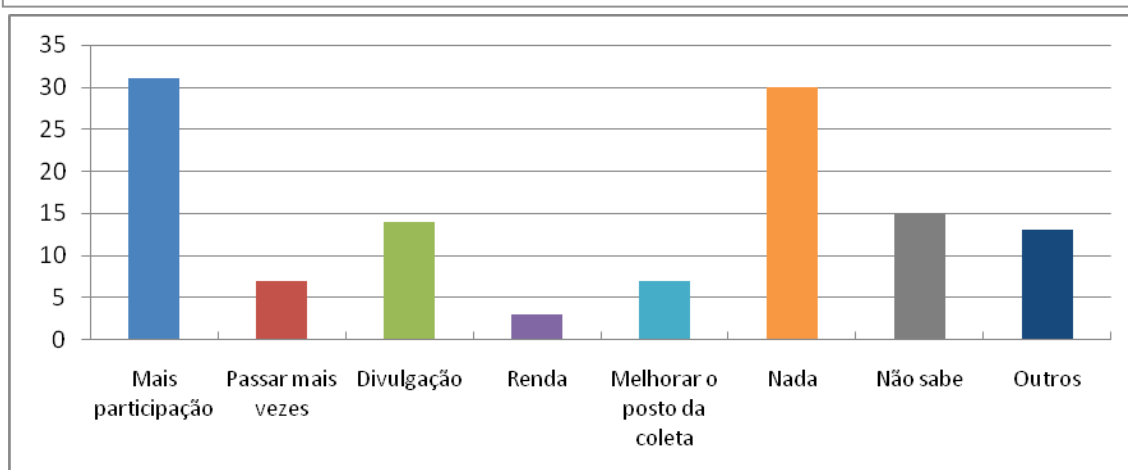
seletiva é importante para o meio ambiente?”.

Parece-nos que esta é uma informação que vem pela mídia: sabem que tem a ver, mas às vezes não sabem o porquê e/ou não sabem explicá-lo. Mas quando relacionam a coleta com a geração de renda para catadores e com a

limpeza urbana a população consegue explicar a importância da coleta.

Na pergunta “o que poderia melhorar na coleta seletiva” (Gráfico 12) nos deparamos com certa postura comodista de 25% dos entrevistados que

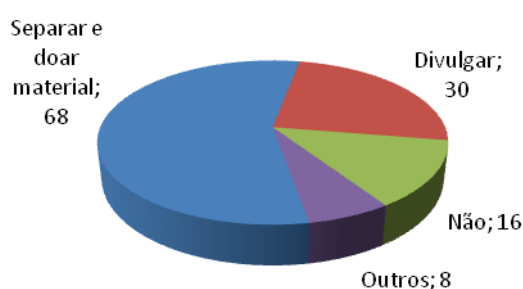
Gráfico 12 - Questão: “O que poderia melhorar na coleta seletiva?”



responderam que não havia nada a melhorar, mas talvez não seja devido ao comodismo, talvez represente uma falta de opinião, nesta interpretação poderíamos incluir os 12,5% que responderam “não sei”, o que infelizmente é corrente entre as pessoas que não estão acostumadas a ter voz. Outros 25% disseram que a participação seria algo a melhorar. Outras respostas como “passar mais vezes”, “divulgação”, indicam melhorias a serem tomadas pelo programa.

Quando tornamos a questão pessoal (Gráfico 13), a atitude do morador é outra. Cerca de 13% responde sem rodeios que não há nada que poderia fazer, nos parece que o morador não quer comprometer-se. Dos que se

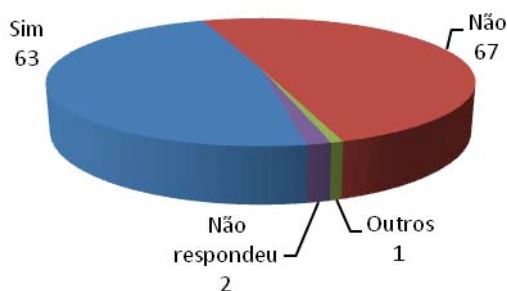
Gráfico 13 - Questão: “Você pode fazer algo para melhorar a coleta seletiva?”



propõem a fazer algo a maioria diz que pode separar os recicláveis e doar, o que é muito bom quando se trata de quem ainda não participava, mas nem tanto quando se trata de alguém que já faz isto. Divulgar para os vizinhos e amigos é algo que sem dúvida importante para o grupo.

A última questão é certamente preocupante (Gráfico 14). A maioria dos entrevistados não sabe o que é o programa Vida Limpa, e sabemos que mais da metade das pessoas que não sabem participam do programa. Conhecer o programa seguramente ajuda a manter a fidelidade dos que participam e poderia convencer os outros a participar. Muitos moradores pensam que os catadores são assalariados, contratados da prefeitura, portanto, que a renda deles não depende da colaboração da população.

Gráfico 14 - Questão: “Você conhece o Programa Vida Limpa?”



Pudemos constatar que amostra da pesquisa ofereceu consistência aos dados, as respostas puderam ser agrupadas em grupos permitindo assim sua análise.

Entrevistas

Discussão com os catadores do grupo Vila Popular: avaliação e resultados da pesquisa

A segunda parte da pesquisa consistiu nas entrevistas com questões abertas. Assim como a elaboração do questionário as perguntas das entrevistas foram várias vezes reformuladas. Elaboramos três entrevistas, para os catadores, para o poder público e para a consultoria; mas todas têm questões comuns a fim de avaliar diferentes opiniões sobre um mesmo assunto. Fizemos algumas entrevistas em grupo, que poderiam ser consideradas conversas gravadas, com os catadores dos grupos Vila Popular e Nova Conquista. Como ainda não mostramos este texto a todos os entrevistados ou retiramos os nomes, indicando as falas somente por aspas.

Duas semanas depois de finalizadas as entrevistas fizemos uma reunião no posto do Vila Popular para avaliar juntamente com o grupo a pesquisa, apresentando ao grupo os resultados brutos das entrevistas, sem análise. Nesta reunião observamos que o aprendizado dos catadores foi, sem dúvida, um dos grandes resultados da pesquisa, eles aprenderam sobre o programa e aprenderam a falar sobre ele com os moradores. A mudança de postura e a desenvoltura foram

percebidas facilmente ao longo da pesquisa. A diminuição da timidez ao falar é uma mudança importante, ainda mais se vista em conjunto com a constatação da importância de divulgar e explicar o trabalho para a população. *“Mas nas casas que doavam a gente falava: olha colega, fala com a sua vizinha que não doa, para ela doar para a gente. Através dela a gente vai conseguir material para a gente”*. Quando perguntamos se foi importante conversar com os moradores ela nos respondeu *“Eu achei que foi bom (...) eles estavam pensando que a gente trabalhava para a prefeitura”*.

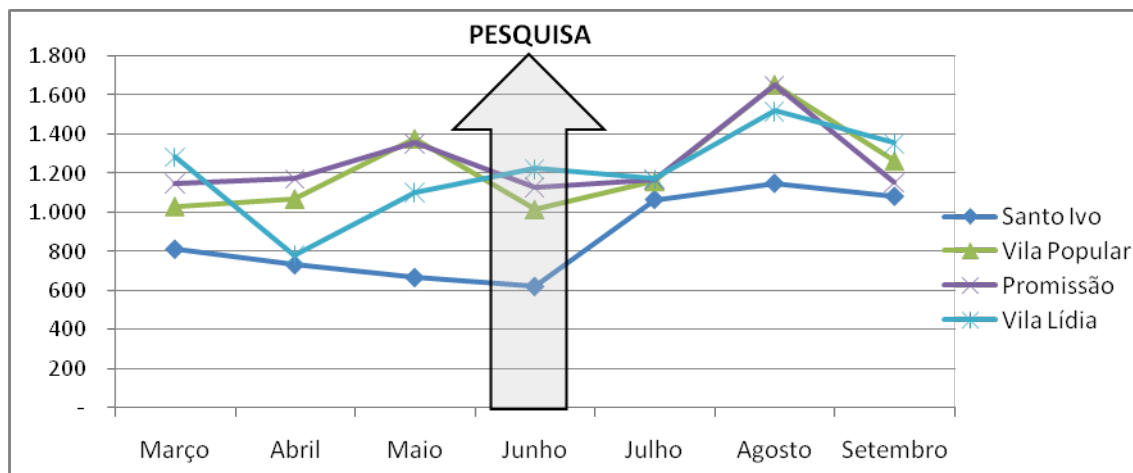
Outro ponto forte que foi levantado da pesquisa é o valor das parcerias, sem dúvida a pesquisa não atingiria a qualidade e quantidade necessárias para a avaliação do porta a porta se não pudéssemos contar com a ajuda dos adolescentes, professores e agentes de saúde. Foram os parceiros que fizeram o registro das entrevistas, e sem eles o número de entrevistadores seria muito pequeno e demoraríamos mais para fazer a pesquisa. A autoridade das agentes de saúde foi citada como um das vantagens da parceria: *“As agentes de saúde batem e falam: Agente de Saúde. E aí o morador já vem abrir na hora”*. A pesquisa também resultou em um incentivo aos catadores para o seu trabalho, pois através dela os catadores ouviram o reconhecimento dos moradores, e por outro lado, também ouviram algumas reclamações e demandas, que são importantes para melhorar a coleta.

Apesar das dificuldades em entender os mapas todos entenderam onde a coleta é melhor e onde ela ainda precisa melhorar. Fica óbvio na visualização dos mapas o potencial do porta a porta nos locais onde ele já acontece. *“Essa pesquisa contribuiu muito para o Vila Popular. Olhando assim no mapa a gente está vendo em que condições a gente está. Que condições está o nosso porta a porta. A gente vê aonde a gente está deficiente e aonde a gente está bem. Então foi importante para o grupo todo, porque cada um aqui está vendo. Então cada um aqui está pensando puxa gente, olha o tamanho disso daqui e a gente só pega nesse pouquinho. A gente tem que ir para frente”*.

As atividades da própria pesquisa contribuíram, segundo os catadores, para o aumento de residências que doam, um número pequeno mas que é significativo se lembrarmos que esse sequer foi o objetivo: *“Só da gente ter passado fazendo a pesquisa já melhorou um pouco”*. Convencer os moradores não é tarefa muito difícil, em geral são solidários, e atendem ao argumento da geração de emprego para a população local. Nas vias onde a coleta convencional não passa é ainda mais fácil, pois a coleta seletiva busca em casa o material que se fosse descartado junto com lixo orgânico teria que ser carregado pelos moradores, às vezes ladeira acima.

O Gráfico 15 abaixo mostra o impacto da pesquisa no volume da coleta, afirmando mais uma vez a necessidade de se fazer divulgações periódicas. Tanto o bairro Promissão quanto o Vila Lúcia também registraram aumento nas quantidades devido à participação das agentes de saúde na pesquisa, pois algumas delas trabalham nestes bairros e levaram a informação para as casas que visitam regularmente. Mas cabe observar que o efeito não permanece ao longo do tempo, é preciso reafirmar a coleta periodicamente, o peso do material coletado no mês de setembro já é menor o do mês de agosto.

Gráfico 15 - Histórico de produtividade da coleta porta a porta Vila Popular 2007 (kg)



Fonte: I&T. Relatório de medição 12. Outubro, 2007.

Ao fazer a pesquisa os catadores receberam algumas queixas dos moradores como, por exemplo, que de vez em quando a coleta não passa em todas as casas, isso provavelmente ocorre porque, por algum motivo, o catador ou catadora que normalmente faz o trajeto não pôde ir neste dia, e quem vai não sabe exatamente todas as casas que estão doando no momento. *“No Santo Ivo a gente teve muita reclamação, diziam que não estávamos fazendo o porta a porta direito; ‘não passam mais aqui’”. “Quando teve a pesquisa e disseram que na Viela 28 não estávamos mais passando, eu pensei de fazer uma planilha: na viela 28 as seguintes casas doam, e passar o visto se passou. (...) A gente descobriu que a gente precisa trabalhar com roteiro”.*

Sem dúvida o principal entrave do posto do Vila Popular é a falta de espaço, já havíamos observado isso na primeira visita, antes de começar a pesquisa, e ouvimos novamente esta demanda dos catadores no final da pesquisa (Foto). De modo geral os problemas observados no início do ano continuaram: instalações sanitárias precárias, espaço para armazenar material reduzido, ambiente de trabalho inadequado (pouca iluminação, telhado baixo).



Foto: Posto do Vila Popular. Fotografia: Ruth Takahashi, Junho de 2007

É difícil reconhecer no posto que é o espaço de um serviço público. De fato as condições de trabalho são vergonhosas, e não entendemos porque ainda não foram tomadas providências. Algumas mudanças

na organização do espaço foram feitas, os catadores transportaram alguns materiais que demoram a vender (como ferro) para o posto do Nova Conquista, e reordenaram o espaço da mesa de triagem, contudo essas mudanças não são suficientes para garantir um bom espaço de trabalho.

Entrevistas com catadores e catadoras

Nas entrevistas com os catadores e catadoras dos postos Nova Conquista e Vila Popular buscamos conversar sobre o porta a porta a fim de obter informações sobre o trabalho de coleta de modo geral, a opinião deles sobre trabalho dentro do Programa Vida Limpa. Mas apesar das entrevistas estarem baseadas em algumas questões, foi realizada de modo aberto, como uma conversa, então apareceram outros aspectos da vida deles, alguns destes apresentaremos a seguir.

Logo de início nos chamou a atenção para a origem dos catadores, somente uma catadora nasceu em Diadema, todos os outros vieram do nordeste brasileiro com destaque para a Bahia de onde vieram três das catadoras do Nova Conquista.

Para a maior parte das mulheres que entraram este ano no Nova Conquista este é o primeiro emprego. De modo geral são pessoas que se encontravam em situação financeira precária e não conseguiram achar emprego. É fácil surpreender-se com as trajetórias de vida dos catadores, especialmente dos que não são tão jovens. Eles vieram de longe, moraram em lugares diferentes, às vezes precários, sempre buscando melhores condições de vida.

Principalmente para os que já eram catadores, a entrada no programa Vida Limpa significou uma grande melhora nas condições de trabalho e vida. Para um catador avulso, que trabalhava sozinho, sem horário, a mudança é muito grande, só pelo fato de trabalhar em grupo, ter que dar satisfação. O trabalho se torna mais leve, o dinheiro só vem no fim do mês, existem obrigações. A forma pela qual eles são recebidos pela população é uma das peças chave nesta mudança: *“Catador na coleta seletiva fica mais respeitado. O catador passa a ter um valor diferente para a população em geral. Porque o catador é muito discriminado. Se ele faz parte da coleta seletiva da cidade as pessoas olham diferente”*.

A opinião dos catadores e catadoras sobre a importância do catador para a cidade é semelhante à dos moradores quando perguntados por que participam da coleta. Os principais fatores citados são: geração de trabalho e renda, limpeza urbana e preocupação com o meio ambiente.

Ter os catadores na coleta seletiva é um trunfo para o serviço municipal de limpeza pública. Os catadores se preocupam em não receber rejeito, e o contato e vínculo com a população são suficientes para que restos de comida não se misturem aos recicláveis. A taxa de rejeito da coleta porta a porta não ultrapassa 5%. A consciência da falta de emprego é, como constatamos em nossa pesquisa, um forte apelo para a colaboração dos moradores. O sucesso do programa está certamente vinculado à presença dos catadores e catadoras:

“O catador é bom ele na cidade, ele andando com as próprias pernas dele, porque aí ele fica conhecido, dá exemplo para os outros. No caminhão é como o caminhão de lixo, o caminhão passa naquela velocidade... e o catador não, você chega numa casa, bate palma, explica para a dona de casa o que é o programa, o que é a coleta. O caminhão não. (...) E elas perguntavam e a gente falava que além de elas estarem ajudando a preservar o meio ambiente elas estavam ajudando nós que estávamos desempregados, está gerando renda, não é só eu aqui, somos em onze, onze catadores”.

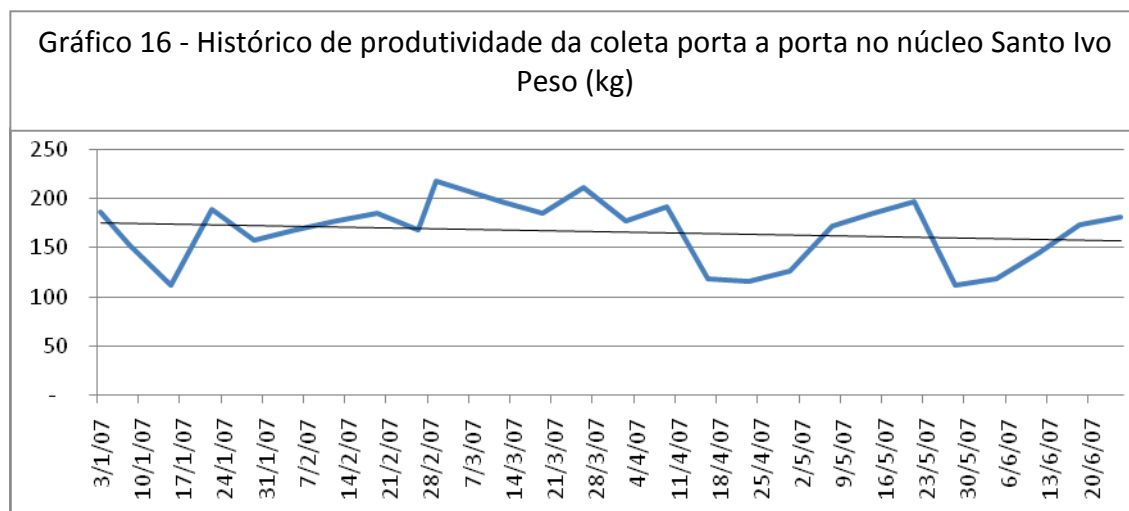
Os catadores demonstraram grande entusiasmo em relação ao programa Vida Limpa: *“Eu acho muito importante. Muito bom. Ele me deu mais vida, mais alegria. A gente aprende mais. A gente conhece mais pessoas. Se eu soubesse que inventou... essa pessoa tinha que ganhar um prêmio”* Os catadores valorizam a parceria com o governo e reconhecem as infra-estruturas das quais o seu trabalho depende, manifestando clareza no entendimento das responsabilidades e deveres do contrato de parceria. Alguns catadores mais novos no programa ainda não têm tanta clareza do programa, e suas falas escorregam em demandas que poderiam ser consideradas assistencialistas. Mas de forma geral o papel da prefeitura é descrito com clareza, o que é fundamental para que os grupos possam cobrar a contrapartida da parceria.

Através do trabalho cotidiano os grupos identificam entraves e obstáculos a melhor eficiência do programa. É muito importante realizar avaliações frequentes, já que se trata de um programa ainda não completamente implementado. Algumas deficiências e estrangulamentos são identificados pelos catadores. A falta de caminhão é apontada por ambos os grupos como um entrave. Os grupos dependem do caminhão para transportar os materiais entre postos e dos pontos de apoio para os postos, e para fazer a coleta nos PCS públicos e privados. O compromisso com empresas também requer assiduidade e de vez em quando coletas extras. O posto do Vila Popular, como já foi dito, depende ainda mais de transporte devido ao espaço reduzido do posto.

A manutenção constante dos carrinhos também é fundamental, o Nova Conquista, no dia das entrevistas tinha quatro carrinhos sem funcionar. Outros postos também se encontravam com o mesmo problema. Os próprios postos também precisam de atenção com a manutenção a fim de garantir condições adequadas de trabalho aos grupos. Criar instrumentos, ferramentas, procedimentos que garantam estes fatores é necessário para o bom andamento do programa.

Desde o início deste ano a equipe do programa se viu reduzida, pois era constituída principalmente de estagiários, e o contrato acabou no ano passado. Só ficou um estagiário, Isaías, e o coordenador de campo, Edvaldo, para dar conta de todos os postos. Então o acompanhamento cotidiano dos grupos não pôde mais ser feito, até porque o programa dispõe somente de um veículo. A falta de um acompanhamento mais cotidiano é sentida pelos grupos: *“Então eu acho que eles eram para estar incentivando mais a gente. Acompanhar o trabalho. Porque aqui tem muita gente nova, tem que dar um incentivo, explicar. Eu mesma sei muito pouco do programa”.*

Os dados do programa mostram a variação na quantidade coletada cada semana e a linha de tendência mostra uma tendência à queda (Gráfico 16), comprovando a necessidade de divulgações, levando em conta que neste ano houve a pesquisa, que teve um pequeno efeito de divulgação, conseguindo que algumas poucas casas a mais doassem.



Fonte: I&T. Relatório de medição 10. Agosto, 2007.

O programa Vida Limpa só tem dados deste ano, mas a partir das entrevistas com os catadores pudemos constatar que a tendência de queda é, na verdade, mais acentuada: *“Então, o porta a porta do Santo Ivo diminuiu bastante. A gente arrecadava de seis a sete bags de material lá no ano passado, agora a gente está arrecadando de três a quatro, no máximo dá cinco. No Vila Popular, aqui, quando a gente começou dava uns oito ou nove bags, uns nove bags, aí teve o orçamento participativo aí diminuiu, caiu para quatro, cinco, agora está em seis ou sete bags. Diminuiu também”*.

A divulgação não é somente instrumento de reforço de algo que os moradores já sabem, mas também leva informações que a população ainda não conhece: *“Tem muitas mulheres que pegam a caixinha de leite perguntam: vocês levam isto daqui? E aí a gente vai conversar com elas, explicar. Não sabe o que é pra juntar. Esses dias uma mulher ia jogar fora o ferro. Eu falei pra ela, não a gente leva”*. As divulgações explicam aos moradores o que os catadores não têm tempo de falar no cotidiano da coleta levando mais informações para a população.

As divulgações são mais eficazes quando envolvem outros atores locais, como adolescentes, agentes de saúde. Pode-se dizer isso pois já foram feitas divulgações com e sem a participação de outras pessoas e a diferença foi grande. Fazer parcerias com outros programas municipais é peça-chave para boas divulgações, além de otimizar os recursos públicos realizando atividades de forma integrada. Assim como na questão da manutenção de equipamentos e estruturas é preciso criar rotina para as divulgações.

O apoio da população é crucial para que os catadores não se sintam constrangidos em fazer seu trabalho, ou melhor, essencial para que sintam orgulho

do que fazem. No posto Nova conquista, com a falta de braços masculinos as mulheres começaram a fazer também a coleta porta a porta no entorno do posto, com resultados bastante positivos: *“Eu gosto. Pelo menos a gente está vendo outras caras, lá fora. Está tendo mais conhecimento com as pessoas. E a hora passa mais rápido. Eu gostei de ir para a rua. Eu acho que é bom pra gente dar mais valor no serviço dos homens. Que às vezes a gente dizia assim: mas só vai e volta... Mas é um peso, é uma dificuldade. Não tria e só quer fazer porta a porta. Ajuda a entender o lado do outro”*.

A população as recebeu muito bem, o que foi um incentivo ao trabalho delas. Orgulhosas dizem que são mais elogiadas do que os homens, porque elas têm mais paciência: *“Porque eles dizem que as mulheres são mais pacientes, esperam mais, dão mais atenção. De repente a gente está com o carrinho na frente e elas gritam e a gente volta e pega, enquanto que os homens já teriam passado. E o pessoal estava reclamando”*.

Para as mulheres do Nova Conquista a maior dificuldade é carregar peso, principalmente nas ladeiras, para driblar isso elas combinam as forças. Mas o obstáculo para o qual não foi encontrada solução é passar com carrinho na avenida próxima ao posto que é o único caminho para chegar ao bairro onde costumavam coletar: *“a gente tem medo desta avenida aí. Essa Fagundes de Oliveira. O caminhão já pegou o Adão. Está lá o carrinho, está lá amassado”*. Devido a isso o grupo praticamente parou de coletar no bairro Padre Anchieta, que tinha potencial para ser um bom porta a porta para o grupo.

Outra dificuldade é a falta de pontos de apoios e transporte para que a coleta possa ser realizada além das vizinhanças dos postos, estes equipamentos evitariam viagens feitas só para descarregar o carrinho, e diminuiriam o tempo gasto com a coleta. Vale lembrar que o transporte, assim como a coleta, precisa cumprir horários e não pode faltar. O posto do Vila Popular que faz coleta no Santo Ivo, um núcleo distante do posto, depende de transporte para trazer o material mas até agora não tem transporte sempre garantido, o que é um problema, pois não agrada à população que o material fique na rua por mais de um dia.



Foto: Carrinho voltando da coleta
Ruth Takahashi, Jun 2007

Os coordenadores têm um papel muito importante nos grupos, eles são referências para os outros, sabem fazer todas as tarefas e representam o posto. Eles têm que ter habilidade para lidar com conflitos internos. Os coordenadores apostam no programa Vida Limpa, no crescimento certo do porta a porta se os atuais entraves forem resolvidos, ou seja, falta de transporte (caminhão), de espaço (no posto do Vila Popular), de

manutenção de carrinhos e postos, mais apoio aos grupos, roteiros, e divulgações organizadas e freqüentes.

De modo geral as perspectivas, do ponto de vista dos grupos entrevistados, são positivas: *se o governo acredita de verdade na capacidade dos catadores, é um programa que tem tudo para dar certo*. E os catadores também têm clareza de que o crescimento da coleta não depende somente da prefeitura, mas também do trabalho deles: *a Pacto tem que fazer o seu papel de associação. Porque não tem como só andar a Pacto, e não tem como andar só a prefeitura. O programa não é só de uma parte, é das duas partes. A Pacto e a prefeitura têm que andar em conjunto, o fortalecimento da Pacto hoje é essencial para o desenvolvimento do Programa*.

Segundo alguns catadores, outro fator essencial para o crescimento de seu grupo foi a participação no Projeto Brasil-Canadá, que propiciou formação em planejamento participativo, contribuindo para a organização, crescimento e fortalecimento dos grupos de catadores e catadoras.

Entrevistas com os representantes do poder público e consultoria

Nas entrevistas com o poder público buscamos obter a visão geral que cada representante das secretarias envolvidas tem do Programa Vida Limpa. As perguntas abrangem o programa como um todo, sem ênfase na coleta porta a porta, sobre a qual as secretarias de Obras e Desenvolvimento Econômico têm pouca informação, pois apesar de fazerem parte do Núcleo Gestor não têm pessoal na equipe do programa. O acompanhamento cotidiano do programa fica a cargo dos funcionários da secretaria do Meio Ambiente que integram a equipe, e é onde o escritório se situa.

Entrevistamos primeiramente o coordenador do Programa Vida Limpa e diretor do Departamento de Gestão Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente, Carlos Henrique. Representado a Secretaria de Obras entrevistamos Ricardo Perez, Diretor do Departamento de Limpeza Urbana e Vanderléa Pereira chefe de serviço no Departamento de Geração de Trabalho e Renda. Infelizmente devido a problemas de disponibilidade dos secretários de Obras e Desenvolvimento Econômico não conseguimos marcar entrevistas. Vanderléa tinha acabado de voltar de licença maternidade e por isso não pode nos informar muito. Entrevistamos também Luzia, que chegou à equipe no início deste ano. Apresentaremos também a entrevista realizada com Tarcísio de Paula Pinto, diretor da I&T, empresa de consultoria que elaborou o programa, participou da sua implantação e segue hoje, após ausência de um ano, no acompanhamento do Vida Limpa. A I&T desenvolveu projetos de gestão de resíduos para outros municípios brasileiros, apresentando assim uma perspectiva maior na análise do programa.

Em uma das primeiras questões perguntamos qual o papel do programa, e podemos dizer que há uma concordância no poder público que os objetivos do programa residem nos eixos: limpeza urbana (e ou conservação ambiental),

inclusão social e geração de renda. Mas cabe dizer que a questão social ganhou ênfase nas falas dos representantes do poder público: *a idéia básica dele [do programa] é organizar os catadores que viviam independentemente, numa situação muito precária de trabalho na rua.*

A consultoria define o programa a partir de outro viés, segundo Tarcísio *“o papel do programa, na sua integralidade, no jeito que ele foi concebido era um programa que integrasse ações de coleta seletiva – numa relação do coletor com o gerador – com ações de gestão de resíduos da construção civil, principalmente, tanto pequenos quanto grandes volumes, e ações que apontassem para a gestão de resíduos orgânicos, que pudessem ter um tratamento diferenciado”*. O desenho do programa é uma adequação antecipada à resolução 307 do CONAMA. A importância do programa se baseia, então, nas soluções providenciadas para os resíduos do município, que não tem área para aterro, proporcionando considerável economia.

Observamos que os representantes do poder público dão mais atenção à coleta de recicláveis do que aos resíduos de construção, que, no entanto, também fazem parte do programa. É sem dúvida uma parte importante do programa, tendo em vista que a autoconstrução é atividade incessante em Diadema. A disponibilização de caçambas nos postos de coleta mudou significativamente a paisagem de algumas ruas da cidade. Contudo os resíduos de construção ainda não são coletados separadamente, pois só deste modo o preço do descarte terá um desconto de no mínimo 50%. Atualmente Diadema não aterra mais madeira, há um índice de quase 100% de reaproveitamento deste material.

Tendo em vista os objetivos do Programa, faz total sentido que ele seja gerenciado pelas três secretarias envolvidas. Entretanto as secretarias de Obras e Desenvolvimento Econômico participam apenas do conselho gestor, o que talvez seja pouco para cumprirem os papéis que se atribuem:

Naila: E qual o papel da sua secretaria no Programa Vida Limpa?

Carlos Henrique: Bom além de ter a coordenação, que o conjunto inclui mais duas secretarias a de Obras e a de Desenvolvimento Econômico, é o de acompanhar o dia-a-dia do Programa, o dia-a-dia do trabalho dos catadores, buscando resolver os problemas, buscando avaliar e monitorar a evolução do programa.

Vanderléa: Então o papel da minha secretaria é inclusive este, de trabalhar a questão da formação, da geração de trabalho e renda, de buscar desenvolver mais parceiros, de juntar, que é o papel de todas as secretarias. Juntar isso, expandir, divulgar o programa, e fazer ele funcionar de fato. Só que assim, não depende só da secretaria, a gente tem uma instituição que é contratada para isso, a gente tem a secretaria fim que é a do meio ambiente, então a gente precisa juntar tudo isso e ver com que parte está cada um, acho que precisa de uma reestruturação nesse sentido.

Ricardo: A minha [secretaria] é mais na parte operacional, apoio operacional e também a participação na gestão compartilhada. Existe um grupo que gestiona o projeto dentro da

prefeitura. A gente faz parte deste grupo: a secretaria de Obras, Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico.

A secretaria do Meio Ambiente não cuida somente do viés ambiental do programa, mas de todo ele, pois concentra toda a equipe. A Secretaria de Obras contribui com o fornecimento do caminhão, mas ainda não cuida de toda a logística do sistema de coleta, que foi elaborada pela consultoria. Apesar de não haver equilíbrio na divisão do trabalho inter-secretarias, de maneira geral todos vêm com bons olhos o trabalho compartilhado:

Naila: E quais as vantagens e as dificuldades de um programa que envolve diferentes secretarias?

Vanderléa: A vantagem é que você consegue levar a um número maior de pessoas. E a desvantagem é as secretarias não estarem bem articuladas.

Carlos Henrique: Bastante complicado. No poder público a gente tem, apesar das diretrizes gerais, do interesse público que deve sempre prevalecer, de usar os recursos públicos da melhor forma possível, cada secretaria tem a sua política setorial, tem seus interesses próprios e os resultados esperados. A integração tem a dificuldade e o desafio de vencer essa setorização, essas caixinhas, essa fragmentação. Agora o Programa Vida Limpa por envolver uma outra parte que são os catadores... isso é um facilitador nessa desfragmentação das ações. Então você tem mais uma parte envolvida que pressiona a integração e que joga uma responsabilidade muito maior nas ações de cada uma das secretarias.

Ricardo: A vantagem é que você aprende a trabalhar de forma compartilhada, você divide os problemas. A gente tem maior facilidade, por ser uma questão muito operacional a minha secretaria, a gente tem uma certa facilidade de resolver um problema como por exemplo de uma caminhão de uma coisa operacional, enquanto que o outro já cuida de uma outra área que a gente não teria facilidade de trabalhar. Então essa é a vantagem de você compartilhar as coisas. Dificuldades tem isso, se o grupo se dá bem, é legal, funciona muito bem. Aí existe aquela coisa... Ainda bem que aqui, pelo menos no pessoal da prefeitura não dá pra sentir muito isso, não creio que tenha isso, mas aí existem as vaidades (...) então quer mandar mais do que o outro e tal.

Tarcísio: Eu não vejo desvantagem, eu só vejo vantagem. É trabalhoso? Mas ser trabalhoso não é desvantagem. É muito mais trabalhoso com certeza, e não tem outro caminho, é este. Eu acho que há uma vantagem por conta de romper a setorização de trabalho, e até um certo comportamento sectário das secretarias.

Sem dúvida um bom planejamento para a cidade tem de em algum momento juntar as secretarias, não se resolve os problemas em separado, ou se resolve se gasta mais. A cidade é um conjunto complexo, que abriga um modo de vida e é em si um meio de vida, onde as questões não ocorrem separadas umas das outras. A observação de Carlos Henrique, quanto ao papel dos catadores na gestão inter-secretarias, ressalta a importância da participação de outra parte para cobrar o poder público. Na prática o Núcleo Gestor que tem como função monitorar, avaliar, e corrigir os rumos do Programa, porém ainda não está funcionando a

contento, existe um formato que engloba as três secretarias mais a diretoria da Pacto Ambiental mas ainda não existe uma rotina de trabalho. Como o Programa ainda não está completamente implementado o trabalho do Núcleo Gestor é ainda mais necessário. A idéia, segundo nossos entrevistados, é que seja uma vez por mês, entretanto no primeiro semestre de 2007 houve apenas uma reunião. O principal motivo alegado para tanto é a falta de agenda, mas cabe lembrar que *“em Diadema por conta da agudeza da disputa política, o núcleo gestor também reproduz um pouco isso. Então uma secretaria vem com uma cara verde, a outra vem com a cara vermelha e a terceira não vem com cara nenhuma, mal comparece”*. (Tarcísio)

Outro impasse, na opinião dos representantes das secretarias, é a falta de uma equipe de carreira. Nos dois últimos anos a equipe se baseava em estagiários, cada posto contava cotidianamente com o trabalho de um estagiário, que ajudava no registro, negociação de parcerias e nas poucas divulgações. Entretanto neste ano devido a atrasos seguidos na contratação o programa ficou com somente dois estagiários, Isaías que acompanha os postos e André que fica no escritório. Então, atualmente a equipe se baseia em cargos comissionados, isto é, não é uma equipe fixa, formada por critérios profissionais.

Naila: Que equipe de governo é necessária para tocar um Programa como este? Qual que é o perfil da equipe?

Carlos Henrique: O perfil tem que ser, assim como na área ambiental, tem que ser multidisciplinar. Porque você tem aspectos sociais, tem aspectos econômicos, tem aspectos técnicos, de trabalhar com os vários tipos de material, com logística, etc. Então a equipe tem que ser multidisciplinar. E também porque por englobar vários assuntos é importante que você tenha uma gama maior de áreas de conhecimento que possam contribuir para a evolução do programa, para o desenvolvimento do programa. Agora de estrutura a gente não tem isso. A gente ainda está trabalhando muito baseado em estagiários e estamos buscando uma consolidação maior, uma participação melhor da prefeitura com funcionários públicos efetivos para ter uma continuidade.

Vanderléa: Além de ter os estagiários, os comissionados (que são os chefes de serviço, diretores), eu acho que tenha que ter pessoas de carreira, pessoas que sejam estatutários, pessoas que mesmo mudando a gestão possam dar continuidade se houver interesse político, com outro partido ou não, de dar prosseguimento ao projeto.

Ricardo: Esse é um problema que o projeto tem que é formar uma equipe só para ele. Isso é complicado, você acaba usando funcionários das secretarias, então hoje a gente não gostaria que fosse assim, uma colcha meio que de retalho, a gente gostaria que o projeto tivesse uma equipe própria. (...) Hoje a nossa equipe é muito pequena, eu acho que a gente teria que ter hoje para gerir este programa no mínimo o dobro do que nós temos. (...) Por isso que eu falo a gestão compartilhada é interessante porque você tem que ter um técnico que entenda o que é pesar o que é a coisa mais operacional, você tem que ter um técnico que tenha mais um lado humano mais forte que é para saber lidar, conversar com as pessoas.

Tarcísio: Eu acho que tem que considerar que sempre, na equipe, a necessidade além do apoio administrativo e apoio técnico, o apoio de mobilização. Uma pessoa que tenha o perfil profissional, pessoal, político suficiente para entender as tarefas que estão colocadas para o setor público em termos de apoiar grupo social organizado, e o que significa isso, o que significa a interface com uma população que precisa mudar de comportamento, alguém que entenda de mobilização social, tanto do gerador quanto do coletor.

A formação da atual equipe não fez uso da gestão compartilhada, o que poderia contribuir em muito na formação de uma equipe que desse conta de tocar um programa com objetivos em várias áreas, *“porque se é uma articulação entre secretarias eu acredito que ter pessoas de cada secretaria, um conjunto, para tocar o programa permanentemente”* (Vanderléa). Atualmente alguns problemas do programa poderiam resolvidos com mais eficiência por profissionais das secretarias de Obras e Desenvolvimento Econômico, mas esta conexão não é feita. A secretaria de Desenvolvimento Econômico sequer tinha a informação de quantas pessoas tinha na equipe, ou quantos catadores e postos tinham no programa.

Uma equipe fixa garante não só um melhor andamento do programa mas também sua continuidade: *“Na hora que a equipe é cargo de carreira, já não é mais cargo de confiança significa que a prática foi assimilada, o serviço público foi assimilado, que aquilo virou uma rotina administrativa. Não é mais um programa excepcional, uma vontade política apenas do prefeito de plantão, é mais, é um serviço necessário que não dá para viver sem ele, está implantado, tem que mantido, tem que ser ampliado, tem que ser melhorado, significa assumir isso”*. (Tarcísio)

O Programa que teve seu início em 2001 continua com problemas de implementação, ou seja, não é ainda um programa consolidado, hoje são seis postos instalados de uma proposta de treze. Observa-se que a implementação do programa foi um processo lento, e ainda o é, haja vista que ainda não acabou no período de dois mandatos. Alguns dos entraves ao programa são obstáculos de uma política nova, que esperávamos estarem superados em um programa de seis anos.

Naila: E quais são as dificuldades?

Carlos Henrique: Dificuldades com estrutura têm dois caminhos. Um é o trabalho de formação e conscientização e sensibilização da própria estrutura da prefeitura e também a outra é busca de recursos. [Temos também dificuldade nos] relacionamentos, internos, entre os grupos, interno do grupo, mas também entre os grupos, isso eu credito ainda como parte do processo de acomodação, de consolidação do Programa. São pessoas e isso é sempre complicado. Então nesse processo de construção coletiva até a gente chegar num consenso, não é unanimidade mas é consenso, isso é um processo construtivo e que demanda tempo. Já temos alguns resultados bastante positivos. Já de organização, de venda coletiva entre os grupos, de busca de recursos, busca de estrutura pela própria entidade que representa os

catadores, então acho que isso é o que indica o que vale a pena e que a gente tem condição de evoluir.

Vanderléa: As principais dificuldades... é essa questão do não crescimento do programa. O programa está fadado só as suas individualidades locais. Preso naquilo que foi criado, no não crescimento do programa, a não divulgação do programa, e isso eu acho que é uma grande dificuldade para o programa. Porque às vezes falta verba, falta profissional, falta uma série de coisas. Acho que precisaria dar uma sacudida em tudo isso, pra que não deixe o programa cair nesta decadência. Porque essas são as maiores dificuldades, eu vejo assim, não tem transporte, a maioria das pessoas hoje carrega aquele carrinho, aquele carrinho pesa horrores, é uma cidade cheia de ladeiras, a gente tinha até um projeto para fazer um carrinho com motor, não foi feito... Então estas dificuldades são muitas e sem contar a questão do alcoolismo e drogas que tem dentro dos postos.

Ricardo: As principais dificuldades que eu vejo é assim: uma é a questão administrativa deles mesmo [grupos de catadores], eles têm muito problema de se entender, de compreender o que é uma venda conjunta de material. Por que não juntar? Que é a idéia de fazer uma central de comercialização. Eles ainda têm muita dificuldade nisto, por exemplo, o que ele pega na rua ele acha que é dele e não do grupo todo, isso é um problema sério. E um problema financeiro de expandir o programa. A gente tem uma demanda grande de pessoas para entrar no projeto e não podem entrar porque nós não temos condição física para recebê-los. Então a gente precisa ter dinheiro para criar novos postos.

Um dos méritos do programa: a gestão compartilhada com os catadores, a parceria, a ênfase na participação implica em uma menor velocidade em alguns aspectos, contudo implica também em uma maior efetividade e continuidade dos mesmos aspectos. Mas podemos dizer que as demoras do programa e muitas das dificuldades de estrutura estão relacionadas à verba insuficiente, Diadema tem uma situação financeira precária, Diadema tem um problema de precatórios, dívidas antigas, e toda hora isso dá uma desequilibrada nesse município, então as urgências vêm primeiro. (Tarcísio)

Naila: E como o Programa Vida Limpa poderia se tornar mais eficiente em sua opinião.

Carlos Henrique: Com o processo de envolvimento maior da prefeitura, quer dizer primeiro cumprir a sua parte, que as repartições públicas contribuam efetivamente com o Programa. E um processo de divulgação e logicamente de convencimento e envolvimento do setor empresarial da cidade. E aí logicamente nós teremos condição de avançar com uma parceria com a população, construindo novos postos, ou seja, oferecendo esse serviço de coleta seletiva para mais áreas da cidade.

Vanderléa: Talvez melhorando um pouco a questão da divulgação, (...) ampliando para outras áreas, colocando um carro coletivo que pudesse fazer esse suporte, porque muitas vezes a gente não tem carro, aí o que acontece: não coletam onde tem que coletar, e aí aquela pessoa não vai guardar o reciclável. Então a gente acaba perdendo. Então se você não passa uma semana, se você não passa duas semanas, se você não passa na terceira semana aquela família não separa mais para você. Então essa é a grande dificuldade, da divulgação, da

sensibilidade. O que você tem melhor hoje é a Cooperlimpa que tem o caminhão deles e acaba tendo um pouco de ajuda por estar em espaço público. Mas todos também estão dentro de um espaço público, foram criados bolsões que estão dentro de espaço público, só não têm as mesmas condições de lá. Mas precisa avançar muito, na questão da formação, da divulgação.

Pelos depoimentos acima observamos que para os representantes do poder público o crescimento e melhoramento do programa hoje em dia depende mais do poder público do que dos catadores. É preciso que a prefeitura se responsabilize pela sua parte para que o programa possa expandir. Divulgações são necessárias, entretanto antes é preciso saber se há estrutura para coletar, triar e transportar o material.

A I&T ressalta que além de verbas, também é importante que os grupos de catadores cresçam, ou antes disso que tenham o objetivo de crescer, expandir a área de coleta. Ou seja, é também preciso que os grupos se fortaleçam e que trabalhem conjuntamente com a prefeitura a fim de melhorar a coleta.

Outro caso em que falta eficiência é no pagamento da remuneração aos catadores. Os grupos receberam este ano apenas os pagamentos referentes aos meses de janeiro, fevereiro, março e abril, somente no mês de maio. E até agora eles ainda não receberam a remuneração dos meses de maio, junho, julho, agosto e setembro.

Naila: E porque há tanto atrasos na remuneração dos catadores?

Vanderléa Pereira: Então isso eu não sei. Eu não sei como é que está. Quando eu saí de licença maternidade eles não estavam tendo tantos atrasos. Então eu não participei, então talvez o Carlos, a própria Luzia pode te responder. Porque o documento sai de lá, da Secretaria do Meio Ambiente, vem pra cá e vai para Obras para assinar e voltar. Talvez estejam acontecendo alguns atrasos por prestação de contas, eu ouvi dizer que tem uma dificuldade na prestação de contas, a OSCIP parece que não sabe prestar contas, teve algumas dificuldades na prestação de contas.

Carlos Henrique: Então isso é um fato conjuntural, foi de agora. É um fato novo, é um modelo novo. Nós tivemos uma dificuldade na renovação, ou seja, a prefeitura tem que prever isso no orçamento, e isso não tinha sido disponibilizado para a Secretaria do Meio Ambiente. Então essa demora, devido a previsão orçamentária, ocorreu nesse ano. Outra coisa, justamente por ser um modelo novo a gente tem que criar um fluxo, estabelecer um fluxo dentro da prefeitura para que a remuneração se dê de forma como os outros pagamentos.

Ricardo Perez: Aí é uma questão administrativa. O serviço público é um órgão extremamente burocrático. Uma empreiteira hoje contratada pela prefeitura, até o terceiro ou quarto ou quinto dia útil do mês, eles apresentam uma medição. Então essa medição chega, o responsável atesta, aí é emitida uma nota que vai para a secretaria de finanças que vai fazer o pagamento. Isso demora, tem um trâmite burocrático, a liturgia do serviço público é um pouco complexa. O negócio deles é mais complicado ainda, porque são cinco grupos que tem que produzir sua planilha, mandar para um lugar só, esse lugar

condensa tudo, manda para o departamento de limpeza urbana que é quem faz o pagamento, o departamento emite o relatório, aí eu tenho que assinar, o grupo gestor inteiro assina, você tem que ficar caçando os caras para assinar, aí é que vai para o pagamento. Não tem jeito, tem que ser assim. Aí atrasou, agora, esse ano, atrasou. Todo contrato a prefeitura precisa fazer um empenho no início do ano. O empenho, não sei por que, demorou para sair, alguém comeu bola. O empenho saiu no final de março então nós não teríamos como pagar dezembro, janeiro, fevereiro e março. Então teve que juntar tudo em abril, justificar o porquê que juntou tudo em abril para poder encaminhar o pagamento.

Pode-se ver que não há uma única resposta para explicar os atrasos. Apesar de ser uma novidade contratar uma associação de catadores para fazer a coleta seletiva, é um contrato como qualquer outro. A remuneração ainda está atrasada pois não foi feito um aditamento para corrigir o valor, este processo não é uma novidade.

Diadema foi o primeiro município brasileiro, e da América Latina a remunerar grupos de catadores organizados pelo serviço de coleta seletiva. É uma conquista formalizada, escrita em lei municipal, o que ajuda a garantir a continuidade desta política. A remuneração é balizada pelo valor pago à empreiteira que realiza a coleta convencional, com caminhão basculante, sem dúvida é necessário ter bem clara esta base. Entretanto, apesar da referencia necessária, pensamos que os serviços são distintos e, portanto, logo que a consolidação do programa for uma realidade, deva haver uma discussão sobre os serviços que os catadores prestam e o seu valor. Sobre este assunto ainda não há consenso total entre as secretarias, mas podemos dizer que acham importante que o valor esteja colado ao que a empreiteira recebe. Segundo o coordenador do programa: *“ao longo da evolução do programa a gente prevê de fazer esta discussão com eles, caracterizar melhor o que representa essa remuneração e quais os serviços que a gente está remunerando, e logicamente o quanto custa”*.

A continuidade do programa se apóia não somente na lei, mas também no compromisso que os grupos estabelecem com a população, que pode demandar a manutenção do serviço; e na autonomia dos grupos, que quanto menos dependem do poder público maior é seu poder de negociação, com este ou com outro governo, e conseqüentemente, maiores as chances deste programa crescer.

Neste ano mais um posto foi instalado em junho, o posto do Centro. Segundo Ricardo Perez talvez estava previsto para este ano, se viesse verba do governo federal, a construção de mais um posto. A meta a ser cumprida são treze postos para cobrir o município como um todo. Outras perspectivas destacadas pelos entrevistados são a ampliação e o fortalecimento dos grupos de coleta. A representante da secretaria do Desenvolvimento Econômico não estava a par do planejamento do programa, e não pôde dar maiores informações. Com as eleições chegando a perspectiva é positiva, dificilmente o programa vai regredir.

De modo geral todos os representantes das secretarias vêem grande potencial para o programa: *“Acho que os resultados apesar de pequenos no geral do*

município, o quanto que o município gera de resíduos, tem um potencial grande de expansão". (Carlos Henrique)

Considerações Finais

Ao finalizar esta pesquisa nos deparamos com um programa de coleta seletiva com grande potencial, mas que ainda encontra obstáculos. Alguns destes entraves são de organização, na gestão do programa no que diz respeito à coleta seletiva. Pelo fato das secretarias do Meio Ambiente, Obras e Desenvolvimento Econômico ainda não estarem trabalhando em conjunto. Pois se cada secretaria assumisse partes mais equilibradas no programa as diferentes habilidades e conhecimentos seriam aproveitados para chegar aos objetivos que se propõe esta política pública. Além das secretarias que fazem parte do programa é importante fazer parcerias com outros programas e instituições públicas, utilizando de forma integrada pessoal e recursos. O envolvimento de agentes de saúde, escolas, e programas que trabalham com a população local já mostrou bons resultados para a coleta e também para as outras partes, não somente através desta pesquisa mas também nas divulgações anteriores. Esta pesquisa é também um exemplo da importância de parcerias com outros programas municipais, a contribuição das agentes de saúde e adolescentes foi fundamental para a realização deste trabalho.

Outro aspecto relacionado ao papel do poder público é a necessidade de uma equipe de profissionais com competências para gerir um programa como este. Uma equipe que seja fixa, o que seria mais uma forma de formalização do programa dentro da prefeitura, tornando mais certa sua continuidade. Esta é uma demanda dos próprios gestores do programa. As atividades e processos tornar-se-iam mais ágeis e rápidos, mais eficientes. E isso teria consequências diretas no trabalho dos grupos. O apoio aos grupos no trabalho cotidiano ainda é mister, uma equipe melhor preparada certamente poderia contribuir mais, contudo de qualquer forma o apoio é essencial. Lembramos que a equipe também precisa de equipamentos e estrutura para fazer o seu trabalho, por exemplo, computadores para o gerenciamento, a administração financeira da coleta e veículos para o transporte de materiais do bairro para o posto de triagem e dos postos para a central. O acompanhamento é preciso não somente pelo apoio, trata-se afinal de um serviço público e é papel da equipe garantir que ele seja feito corretamente, ou seja, assegurar que trajetos e roteiros sejam cumpridos. Outro aspecto importante relacionado à equipe é a necessidade de coleta de dados e informações, como o programa ainda apresenta problemas de uma política em implantação é imprescindível que haja um monitoramento eficiente, ou seja, coleta de dados e análise, para enfrentar os obstáculos com mais rapidez e eficiência.

O quadro público também tem sido deficiente na manutenção do programa no que concerne aos equipamentos como carrinhos, bags e

uniformes, e também quanto à estrutura dos postos. Instalações básicas dos postos, como mesa de triagem, espaço, instalações, luz, banheiros, tem de ser mantidas em condições de uso. Estas carências indicam que ainda não foi estabelecida uma rotina destes procedimentos, o que não deveria ser uma novidade para a instituição pública. Os serviços de manutenção são obrigatórios para o bom andamento dos trabalhos, seja dos grupos ou da equipe do programa. A falta de transporte também tem sido um entrave, os grupos dependem de caminhão para fazer a coleta nas empresas, nos PCS públicos e para a coleta porta a porta quando é longe do posto. Isto significa que para os grupos expandirem a coleta porta a porta para além das ruas já percorridas será necessário ter a disposição transporte para trazer o material dos pontos de apoio.

No que cabe aos grupos estes precisam assumir as metas de expansão do porta a porta, com as condições já mencionadas acima. Em conjunto com a prefeitura precisam trabalhar para organizar o porta a porta da melhor maneira, estruturar trajetos, pontos de apoio (para isso é preciso transporte), e fazer divulgações. As divulgações periódicas se mostraram essenciais, para manter e aumentar a quantidade coletada nos bairros. Pelas respostas dos moradores constatamos a falta de informação mesmo entre aqueles que participam do programa, a maioria das pessoas não sabe quais são todos os materiais recicláveis (55%) e pouco mais da metade dos entrevistados não sabia o que era Programa Vida Limpa, sendo que muitos deles contribuíam com os catadores. E a principal explicação dos que ainda não participavam era a falta de informação: não sabiam da existência do programa. Ficou claro durante este trabalho que os moradores só sabem da importância de separar os materiais recicláveis devido ao trabalho de informação e coleta realizado pelos grupos, por isso a principal razão alegada para a população colaborar foi a geração de renda. Isto reforça que o trabalho dos catadores não se restringe somente à coleta seletiva, são eles que levam a informação aos moradores, o que mostra o potencial dos grupos como informantes ambientais. E a população reconhece que o trabalho dos catadores contribui para a melhoria da limpeza da cidade.

Em conjunto com outros programas e agentes públicos, ou envolvendo a comunidade local as divulgações são mais efetivas. É preciso, também para isso, criar rotina, ou melhor, uma agenda. Por exemplo, realizar duas divulgações por ano em cada bairro. Material para divulgação, panfleto explicativo indicando o horário da coleta e materiais recicláveis. E para que as divulgações mantenham seu efeito de fato os grupos precisam realizar bem as coletas, pois o hábito de separar não é algo que se cria na divulgação, mas que vai se formando a partir dela. Então os catadores têm que insistir com os moradores, explicar mais de uma vez a coleta, e se fazer presentes se certificando que as residências notaram sua presença ao passar. Além da população merece uma atenção especial os comerciantes locais.

Conseguir a contribuição dos comerciários é importante e talvez mereça uma divulgação especial, programa pode ser interessante também para os comerciantes pois os grupos não pegam só papelão e pet, mas todos os materiais recicláveis. A divulgação tem de ser pensada em diferentes escalas, não somente nos bairros, mas também campanhas de educação ambiental para reduzir a geração de resíduos e para aumentar a coleta seletiva (outdoors, programas de rádio e TV, jornal).

A coleta porta a porta pelo vínculo criado entre o grupo de catadores e a população tem se mostrado uma atividade com grande potencial e estável. Entretanto antes de pensar a expansão, isto é, adicionar mais ruas no percurso é preciso intensificar a coleta. Vimos com a pesquisa que o grupo Vila Popular coleta entre 9% e 24% nos bairros em que acompanhamos, o que indica que há muito que crescer nos locais em que já é feita a coleta (sempre lembrando que para qualquer crescimento tem uma estrutura necessária). Divulgações bem feitas poderiam ajudar a intensificar a coleta. Nos núcleos, onde as residências têm espaço muito reduzido sem área livre para armazenar recicláveis, talvez seja importante pensar em passar mais vezes na semana. O grupo Nova Conquista passa três vezes por semana no mesmo bairro e tem tido sucesso nesta estratégia. De fato nos acompanhamentos observamos que os moradores doam uma quantidade abaixo da estimativa gerada por uma família em uma semana. Outro recurso que tem sido utilizado é o fornecimento de sacos de ráfia para os moradores, dos núcleos prioritariamente, facilitando o armazenamento do material por uma semana. Nos núcleos por seu desenho particular há maior necessidade de montar trajetos, roteiros para que sejam seguidos por qualquer catador do grupo.

O programa tem muitos pontos positivos: o grau de formalização, o incentivo a autogestão dos grupos, inclusão de catadores e ou pessoas desempregadas. Sem contar os benefícios para o município como um todo, o papel da coleta seletiva na gestão de resíduos do município. O município gera cerca de 7514 toneladas de resíduos domiciliares por mês⁴ dos quais 36% (2705 t) são recicláveis inorgânicos, e neste ano a coleta porta a porta coletou em média pouco mais de 44 toneladas por mês, assinalando o potencial de crescimento deste serviço. A coleta porta a porta é uma atividade que funciona pois tem forte apoio da população, tem um retorno econômico razoável para os catadores se os processos forem bem organizados, e representa uma enorme ganho para o município pois gera emprego, promove a informação da população e economiza no transbordo e aterro. Os quase três anos de experiência de coleta porta a porta destes dois grupos atestam a solidez deste serviço, e seu potencial para intensificação e expansão se as condições de equipe, equipamentos, infraestrutura e transporte forem satisfeitas.

⁴ I&T. *Gestão diferenciada, integrada e sustentável de resíduos sólidos em Diadema: diagnóstico*. São Paulo, 2001.